

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**INFLUÊNCIAS FAMILIARES NA CONJUGALIDADE:
O CLIMA RELACIONAL NA FAMÍLIA DE ORIGEM, A
SATISFAÇÃO CONJUGAL E A PROXIMIDADE CONJUGAL**

SOFIA MARGARIDA PEREIRA DE CAMPOS LOPES

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Psicologia Clínica e da Saúde: Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**INFLUÊNCIAS FAMILIARES NA CONJUGALIDADE:
O CLIMA RELACIONAL NA FAMÍLIA DE ORIGEM, A
SATISFAÇÃO CONJUGAL E A PROXIMIDADE CONJUGAL**

**Dissertação Orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide
e pela Professora Doutora Ana Sousa Ferreira**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Psicologia Clínica e da Saúde: Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

Resumo

Apesar de já terem sido realizados, anteriormente, alguns estudos que abordam a relação entre a família de origem e a conjugalidade na vida adulta, a relação entre o clima relacional na família de origem e a satisfação e proximidade conjugais não tem sido muito explorada.

O presente estudo consiste, então, num estudo exploratório que tem como objectivo clarificar a relação entre as variáveis já referidas e, ainda, a influência que o sexo dos indivíduos e o tempo de casamento exercem nessa relação.

Para tal, recorreu-se a uma amostra de 652 indivíduos, que responderam aos questionários *Family Environment Scale* (FES) (Moos & Moos, 1986), para a avaliação do clima relacional na família de origem; Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996), para avaliação da satisfação conjugal e, ainda, Escala de Inclusão do Outro no *Self* (IOS) (Aron, Aron & Smollan, 1992), para avaliação da proximidade conjugal.

Os resultados obtidos remetem para a existência de influência, de um modo geral, do clima relacional na família de origem na satisfação e na proximidade conjugais, ainda que fraca. Entre estas duas últimas variáveis foi encontrada uma correlação elevada. Nestas relações foram encontradas algumas diferenças entre os sexos, assim como relativamente ao tempo de casamento.

(Palavras – chave: conjugalidade; família de origem; clima relacional; satisfação conjugal; proximidade conjugal; intimidade e tempo de casamento)

Abstract

Despite the existence of previous studies focusing on the connection between the family of origin and marital relationship during adult life, the link between the family of origin's relational environment, marital satisfaction and marital closeness has not been widely explored.

This study consists of an exploratory investigation with the purpose of clarifying the relationship between the previously mentioned variables whilst also considering the influence of gender and marriage duration.

The investigation comprises a 625 individuals sample, that answered the following questionnaires: Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986), for the evaluation of the family of origin's relational environment; Scale of Evaluation of the Satisfaction on the Marital Areas of Life (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996), for the evaluation of the marital satisfaction and Scale of Inclusion of the Other in the Self (IOS) (Aron, Aron & Smollan, 1992), for the evaluation of the marital closeness.

The results suggest that the family of origin's relational environment has a global but slight influence on the marital satisfaction and marital closeness. The results also indicate a strong correlation between marital closeness and marital satisfaction. Moreover, the study found some differences in the way the previous variables relate to each other, due to gender and marriage duration.

(Key Words: marital relationship; family of origin; relational environment; marital satisfaction; intimacy and time of marriage)

Agradecimentos

Agradeço, de uma forma especial, à Professora Doutora Isabel Narciso, por mais um ano de partilha de conhecimentos, de motivação e de apoio. Agradeço a confiança que foi depositada em mim e nas minhas capacidades, nos momentos mais importantes.

Agradeço também a orientação da Professora Doutora Ana Sousa Ferreira, pela simpatia, apoio e rigor dispensados, principalmente nos momentos de maior preocupação.

Não posso, mais uma vez, deixar de agradecer à Vanessa, cujo apoio e motivação, foram fundamentais para que concretizasse mais um projecto. Agradeço também a amizade forte e que espero duradoura, mesmo em momentos em que as adversidades já não nos unam, mas sim os momentos de diversão.

A todos os meus amigos, à Ana Benedito, à Sara Milho, ao Nuno Martins, ao Francisco Vargas, ao Matthew Stott, à Anna Zabel, à Milene Arrobe e a todos os outros que, mais uma vez, souberam aceitar e compreender a minha falta de disponibilidade e, mesmo assim, estar sempre disponíveis quando precisei, Muito Obrigada!

Por último, o mais especial agradecimento é reservado à minha família que tanto me tem apoiado ao longo da vida e que contribuem para que eu seja tão feliz junto deles. Em particular, aos meus pais, à minha irmã e ao Bruno, Muito Obrigada por tudo o que são para mim!

Índice

1. Introdução	pág. 1
2. Enquadramento teórico	pág. 2
2.1 Conjugalidade	pág. 2
2.2 Proximidade Conjugal	pág. 4
2.3 Intimidade	pág. 5
2.4 Satisfação Conjugal	pág. 8
2.5 Diferenças ao longo do tempo.....	pág. 10
2.6 A Família de Origem e as suas Influências.....	pág. 17
3. Processo Metodológico	pág. 20
3.1 O Desenho da Investigação	pág. 20
3.2 A Questão Inicial	pág. 20
3.3 O Mapa Conceptual.....	pág. 21
3.4 Objectivos Gerais e Específicos	pág. 21
3.5 Questões de Investigação.....	pág. 22
3.6 Estratégia Metodológica.....	pág. 23
3.6.1 Selecção da amostra.....	pág. 23
3.6.1.1 Caracterização da Amostra.....	pág. 23
3.6.2 Instrumentos Utilizados.....	pág. 27
3.6.3 Procedimento na Recolha de Dados.....	pág. 30
4. Resultados.....	pág. 30
5. Discussão dos Resultados	pág. 37
6. Conclusão	pág. 44
7. Bibliografia.....	pág. 47
Anexos.....	pág. 50

1. Introdução

“O casamento é o encontro de dois enviados familiares que se vão degladiar em torno da construção de um novo sistema familiar.” (Whitaker, s/ data cit. por Gameiro, 2007). Foram afirmações como esta, lidas ao longo da minha evolução académica e, principalmente, após seguir o caminho sistémico, que juntamente com o interesse pessoal, conduziram à escolha do tema da conjugalidade e, no seu interior, das influências da família de origem, para a elaboração desta dissertação.

A nível de senso comum, tendemos a realizar afirmações como “Casamento...apartamento” ou “Entre marido e mulher, não metas a colher”, contudo, será que na realidade é isto que realmente acontece? Será que um casal, depois de criar o seu próprio sistema familiar consegue ou, até, deseja, tornar-se totalmente independente das suas famílias? Mesmo que assim o deseje e considere que o esteja a fazer, o que os indivíduos levam consigo em termos de valores, princípios de vida, crenças e modos de funcionamento, será uma influência a considerar e com peso na conjugalidade? Este pareceu-nos um tema bastante pertinente na sociedade actual, visto que a dependência económica e, muitas vezes, a coabitação com as famílias de origem mantém-se, até cada vez mais tarde, o que não acontecia há algumas gerações atrás, pelo que, a existir, esta influência das famílias de origem será cada vez mais prolongada e forte.

Apesar de não ser possível, nem ser nosso objectivo, responder a todas as questões colocadas acerca deste tema, ao longo da presente dissertação, propomo-nos clarificar a relação existente entre o Clima Relacional na família de Origem e a Satisfação e Proximidade Conjugais na vida adulta. Analisaremos, também, a influência que o sexo do indivíduos e o tempo de casamento terão na relação entre estas variáveis.

No primeiro capítulo começaremos, então, por abordar os principais temas subordinados ao grande tema que é a Conjugalidade. Começaremos por abordar os principais domínios constituintes da Proximidade Conjugal e, conseqüentemente, da Intimidade, assim como a relação eles. A influência que o sexo dos indivíduos e o tempo de casamento têm nestas áreas serão também abordadas. Relativamente à Satisfação Conjugal, analisaremos os factores que nela intervêm, assim como as transformações que ela sofre ao longo do tempo de relação ou de acordo com o sexo de cada indivíduo. Mais tarde, mencionaremos também as transformações que ocorrem

numa relação conjugal ao longo do tempo e, principalmente, de acordo com a fase do ciclo de vida familiar.

No segundo capítulo, apresentaremos o processo metodológico do nosso estudo, os nossos objectivos e questões de partida, assim como, o desenho de investigação, os instrumentos utilizados e a selecção e caracterização da amostra.

Posteriormente, apresentaremos os resultados obtidos através do processo metodológico realizado e da consequente análise estatística.

De seguida, a discussão desses mesmos resultados levar-nos-á à sua compreensão à luz do enquadramento teórico realizado inicialmente e, também, à colocação de outras hipóteses explicativas.

Por último, determo-nos-emos nas principais conclusões deste estudo, levantando algumas questões pertinentes para futuras investigações. Algumas limitações deste estudo serão, ainda, apontadas neste capítulo.

2. Enquadramento Teórico

2.1 Conjugalidade

A conjugalidade remete para uma identidade específica do casal, que é formada pela experiência relacional dos seus dois membros enquanto absoluto, sem que percam, contudo, as respectivas identidades individuais. É nesta teia relacional que se vão conjugar as suas semelhanças e diferenças, complementaridades e simetrias, e proximidades e distâncias (Narciso & Costa, 1996).

Apesar de no passado não ter sido sempre assim, actualmente, quase não é possível pensar em casamento ou conjugalidade sem lhes associar o conceito de amor. Esse é, no entanto, um conceito de difícil definição.

Sternberg & Barnes (1988 cit. por Narciso 1994/95) consideram que, no amor, se podem distinguir três componentes: a paixão, a intimidade e o compromisso.

A paixão é considerada o componente mais intenso e inclui os atributos cognitivos¹, os atributos emocionais² e, ainda, os atributos comportamentais³.

A intimidade, por sua vez, inclui a revelação mútua, a escuta recíproca, as preocupações e cuidados com o parceiro, o conforto com a proximidade e o contacto

¹ Pensamento intrusivo, idealização do outro e da relação, desejo de conhecer o outro e de ser conhecido, entre outros.

² Atração pelo outro, sobretudo a atracção sexual, desejo de união completa e permanente, desejo de reciprocidade, ansiedade, insegurança, activação fisiológica intensa, entre outros.

³ Estudar o outro, servir o outro, manter a proximidade física e agir para determinar os sentimentos do outro, entre outros.

físico, a amizade, a compreensão mútua, o apoio emocional e a preocupação com o bem-estar do outro.

O compromisso caracteriza-se pelo desejo e empenho em manter e perpetuar a relação e pela incapacidade de considerar alternativas ao parceiro.

O estabelecimento de relações de proximidade com outras pessoas e principalmente com um companheiro romântico é um dos principais factores de protecção do indivíduo, sendo vários os autores que sublinham este facto (Fowers, 1998, Gove et al., 1990, Halford, Kelly & Markman, 1997, Heller & Wood, 1998, Malik & Bradbury, 1997, Ross, 1995, citados por Narciso 2001).

Aron, McLaughlin-Volpe, Mashek, Lewandowski, Wright, & Aron (2004) consideram que a existência de uma relação de proximidade constitui o principal factor determinante de uma elevada qualidade de vida, enquanto que a ausência deste tipo de relações é o factor mais associado à depressão e ao suicídio.

O apoio emocional é, também ele, uma das principais fontes de bem-estar psicológico e de saúde física, sendo que as relações proporcionam, ainda, protecção a este nível, pela atenção que é dispensada por cada um dos membros do casal à saúde do parceiro (Narciso, 2001; Gottman & Silver, 2001).

Canavarro (1999) realça, também, a importância da existência de relações de vinculação entre pares, na idade adulta, para a saúde mental dos indivíduos.

Contudo, estes benefícios para o bem-estar dos sujeitos, são apenas válidos para os casamentos satisfeitos. No caso de relações em que os parceiros consideram frequentemente a ruptura ou desejam mudanças de elevado grau na relação, os níveis de stress e os problemas de saúde física e psicológica são maiores do que na população não casada (Ross, 1995 cit. por Narciso, 2001).

O bem-estar propiciado pela conjugalidade, é influenciado pelo sexo dos indivíduos⁴, sendo que o casamento parece apresentar mais benefícios para os homens do que para as mulheres (Acitelli & Antonucci, 1994; Dickson, 1997; Glenn, 2001; Leveson, Carstensen & Gottman, 1994; Steil, 1997; citados por Narciso, 2001).

⁴ Ao longo do trabalho, e a propósito da especificidade dos conteúdos temáticos, iremos referindo, sempre que considerarmos pertinente, diferenças de género.

2.2 Proximidade Conjugal

O conceito de Proximidade Conjugal é indissociável da Inclusão do Outro no *self*, um dos mais importantes pilares da teoria de Aron (Aron, Mashek & Aron, 2003; Aron *et al.*, 2004 e Aron & Aron, 2008).

O Modelo de Expansão do *Self* baseia-se na premissa de que todas as pessoas possuem uma motivação, maioritariamente inconsciente, para expandir o seu *self*. Uma das formas mais satisfatórias de o fazerem é o estabelecimento de relações de proximidade com outras pessoas e, particularmente, com um parceiro romântico, através das quais podem incluir o *self* do outro no seu próprio *self* (Aron *et al.*, 2004; Aron & Aron, 2008).

O desejo de expandir o *self*, tal como já foi referido, é principalmente inconsciente e corresponde à vontade de aumentar os seus recursos, perspectivas e identidades e, assim, potenciar a sua capacidade de atingir determinados objectivos. A inclusão do *self* do parceiro no próprio *self* permite atingir todos estes propósitos, visto que o indivíduo vai ter acesso às perspectivas, identidades, conhecimentos, capacidades, recursos monetários e sociais, entre outros, da outra pessoa (Aron *et al.*, 2004; Aron & Aron, 2008).

Esta inclusão leva a que o indivíduo passe a perceber ganhos, perdas, recompensas e custos do outro como seus e a que considere que prejudicar o parceiro é prejudicar-se a si próprio, assim como ajudá-lo será a ajudar-se a si mesmo. Este facto conduz também a uma alteração da percepção dos acontecimentos, tornando-se mais próxima da do parceiro íntimo, visto que os indivíduos passam a englobar também a perspectiva deste (Aron *et al.*, 2004; Aron *et al.*, 2003; Aron & Aron, 2008).

A inclusão do outro no *self* é, então, um processo normativo e desejado pela maioria das pessoas, facto pelo qual, no contexto de uma relação romântica, ambos os parceiros tendem a incluir o *self* do outro no seu próprio *self*, sendo que nem sempre este é um processo sem dificuldades. Cada indivíduo tem necessidades próprias de expansão do *self*, quer no que respeita à dimensão da expansão como à velocidade a que esta ocorre (Aron, *et al.*, 2004).

Também o grau de conforto com o nível de proximidade experienciado pode variar entre os elementos do casal. Por exemplo, as mulheres parecem ter um maior desejo de proximidade do que os homens que, por sua vez, privilegiam mais a autonomia (Kenny & Acitelli, 1994 cit. por Ribeiro, 2002).

Conclui-se, então, que é necessário encontrar um equilíbrio entre a integração do *self* de cada membro do casal no *self* do outro, não permitindo que se gerem sentimentos de sub-expansão do *self* ou de afastamento dos membros do casal, mas que também não exista uma sobre-expansão do *self*, em que os sentimentos de demasiada proximidade possam aparecer.

A relação entre a proximidade relacional e a qualidade da relação foi demonstrada num estudo de Mashek & Sherman (in press, cit. por Aron *et al.*, 2004), no qual se percebeu que os indivíduos que não descrevem qualquer discordância entre o nível desejado e o nível real de proximidade, referem também uma elevada qualidade relacional. Pelo contrário, quando existe discrepância entre os dois níveis de proximidade, independentemente de se tratar de um desejo de maior ou menor proximidade, é sempre relatada, também, uma deterioração da qualidade relacional. Os mesmos resultados foram encontrados para os níveis de paixão, de compromisso e de satisfação conjugal.

A satisfação relacional está, ainda, relacionada com a quantidade de actividades conjuntas que o casal realiza e que proporcionam expansão do *self*. De uma forma geral, o início de um relacionamento romântico é caracterizado por um elevado número de conversas e actividades ricas em auto-revelação e partilha, e que permitem ao casal um período de intensa e rápida expansão dos seus *selves*. Quando o casal começa a sentir que já se conhece bem, este tipo de actividades sofre uma diminuição, assim como a expansão do *self*. Esta diminuição pode ser encarada pelo casal, como um sinal de aborrecimento, de desilusão, de falta de entusiasmo e de dificuldades na relação, afectando, conseqüentemente, a satisfação relacional (Aron & Aron, 2008).

2.3 Intimidade

Os conceitos de proximidade conjugal e intimidade são muito semelhantes conceptualmente, sendo que, na nossa opinião, um acarreta o outro. Contudo, são vários os autores que utilizam apenas um, ou outro, dos conceitos, pelo que neste trabalho, se optou por os abordar em categorias distintas.

Wynne (1988), que refere-se à intimidade como um processo relacional de partilha de sentimentos, fantasias e experiências com significado afectivo. O autor considera que os conteúdos que são objecto de partilha poderiam ser causa de traição ou de crítica do ouvinte, no entanto, para que exista uma relação de intimidade, tem de

existir a confiança de que o ouvinte nunca o faria. Da mesma opinião partilham outros autores como Cordova, Gee & Warren (2005).

Apesar de ser um conceito interpessoal e um ponto central das relações românticas, a intimidade mantém e é, tal como já vimos, influenciada por componentes individuais, como a motivação para a sua procura, a capacidade de a manter e as características de cada indivíduo que, certamente, influenciam a relação de intimidade (Costa, 2005 cit. por Santos, 2005; Narciso, 2002; Laurenceau, Barretr & Pietromonaco, 1998 cit. por Moura, 2003).

Esta variabilidade poderá, então, resultar das experiências vivenciadas ao longo do ciclo de vida (Narciso, 2001), nomeadamente nas relações íntimas com a família de origem, durante a infância e a adolescência, onde se processa a aprendizagem da intimidade e o desenvolvimento das competências e atributos que, mais tarde, virão a dar lugar à intimidade no jovem adulto (Feldman et al, 1999 cit. por Moura, 2003).

A influência que as relações estabelecidas na infância e adolescência com os pais exercem no desenvolvimento da intimidade nos jovens adultos, está patente no estudo de Moura (2003). A autora estudou jovens adultos, portugueses, solteiros, estudantes universitários que mantinham um relacionamento heterossexual, estável, com a duração de, pelo menos, um ano. Tantos nos filhos de pais casados, como nos filhos de pais divorciados, as percepções que os sujeitos têm das relações com os seus pais, na infância e adolescência, exercem efeitos directos, e através de variáveis moderadoras, sobre várias dimensões das relações íntimas e sobre a qualidade total destas mesmas relações, nos jovens adultos. O sentido desta influência é sempre positivo, ou seja, percepções de maior qualidade nas relações pais-filhos beneficiam a qualidade percebida nas relações íntimas e nas suas dimensões. Este efeito verifica-se tanto para filhos de pais casados como de pais divorciados, apesar de acontecer através de padrões diferentes.

Contudo, a intimidade não ocorre sozinha no contexto de uma relação romântica. Ela é uma parte do todo que é a conjugalidade, sendo, no entanto, também ela, um todo relativamente aos seus constituintes. A noção de intimidade engloba sete processos centrais, segundo Narciso (2002):

- os **sentimentos**, ou seja, o amor. Conceito de difícil definição, que pode ser entendido como “uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes por um outro, a qual é indissociável do desejo físico-psicológico do outro, do desejo da mutualidade de sentimentos, e implica a progressiva redefinição do si

como um si partilhado, onde os sentimentos e desejos do outro são cada vez mais os nossos” (Narciso, 2001, p. 243);

- a **auto-revelação/partilha**, que constitui um componente simultaneamente catalisador e catalisado por sentimentos de amor (Collins & Miller, 1994 cit. por Narciso, 2002). A auto-revelação e a partilha permitem que cada membro do casal revele ao outro, os seus sentimentos, pensamentos, história de vida, projectos, entre outros, o que contribui para a formação e manutenção da identidade do casal (Chelune, Robinson & Kommor, 1984; Derlega, 1984; Fitzpatrick, 1988 citados por Narciso, 2002).

O grau de auto-revelação e partilha de cada indivíduo parece variar de acordo com o seu sexo, uma vez que as mulheres apresentam tendencialmente maiores níveis de auto-revelação, sendo mais orientadas para os afectos, enquanto que os homens apresentam uma orientação mais instrumental. No entanto, estas diferenças, nos relacionamentos de grande intimidade, tendem a esbater-se, adoptando os homens um comportamento emocionalmente mais expressivo e sensível (Goleman, 1997, Hatfield, 1993, Fitzpatrick, 1988 e Reis, 1998 citados por Narciso, 2001).

- o **apoio emocional** que se refere à preocupação, validação e suporte mútuos, parece estar fortemente relacionado com a satisfação conjugal, e constitui como já referimos anteriormente uma das maiores fontes de bem-estar psicológico e físico (Narciso, 2001).

- a **confiança** é um componente que, para existir, pressupõe um visão positiva do parceiro e da relação e também expectativas positivas quanto ao futuro da relação. (Narciso, 2002).

- a **mutualidade** diz respeito à história de vida, sentimentos, pensamentos e comportamentos conjuntos realizados pelo casal, estando no cerne da identidade do casal (Acitelli, 1996; Genero *et al.*, 1992 citados por Narciso, 2002).

- a **interdependência** prende-se com o equilíbrio entre pertença e autonomia, o que é fundamental para o bem-estar relacional e individual (Narciso, 2002).

- a **sexualidade** é um dos processos vitais para a manutenção de uma relação apaixonada, podendo, até, ser percebida como uma espécie de barómetro da relação (Narciso, 2001), pelo que se considera improvável manter uma vida sexual satisfatória se não existir satisfação e qualidade conjugal globais, bem como, se não

forem satisfatórios os processos de auto-revelação, apoio emocional, confiança, mutualidade e interdependência, tal como referem vários autores.⁵

Apesar de existirem relatos em ambos os sentidos, muitos são os estudos que apontam para a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres, sendo que os homens tendem a considerar a proximidade, a partilha de actividades, a resolução conjunta de problemas e a sexualidade como associadas à intimidade, enquanto as mulheres associam mais a este conceito factores como o diálogo, a revelação de sentimentos e opiniões pessoais, a compreensão mútua e a expressão de afectos (Narciso, 2001; Rubin, 1984 cit. por Larson, Peterson, Heath & Birch., 2000).

Contudo, apesar das diferenças relatadas pela maioria dos estudos, outros há, que constatarem que, apesar de existirem algumas diferenças entre os sexos, tanto homens como mulheres, tendem a considerar a apreciação, o afecto e a revelação e partilha de sentimentos pessoais, como factores centrais ao processo de intimidade (Helgson, Shaver & Dyer, 1987 cit. por Narciso, 2001).

2.4 Satisfação Conjugal

A conjugalidade desempenha um papel de relevo na vida da maioria dos indivíduos adultos, sendo que a satisfação com a relação é talvez um dos seus componentes mais importantes. São vários os estudos que demonstram que, para a maioria das pessoas, um casamento satisfatório é um dos principais objectivos a atingir e um dos componentes mais importantes da sua vida (Karney & Bradbury, 2005, Conger & Conger, 2002, Roberts & Robins, 2000 citados por Assad, Donnellan & Conger, 2007)

A satisfação conjugal pode ser entendida como a diferença entre o funcionamento ou ajustamento real do casal e aquele que seria o seu ideal (Olson, 1988 cit. por Narciso, 1996). Uma diferença elevada entre estes dois conceitos conduziria a casais pouco satisfeitos ou insatisfeitos, enquanto que uma diferença pequena entre o nível real e o ideal de funcionamento conjugal corresponderia a casais satisfeitos.

Outras das forma de operacionalizar a satisfação conjugal corresponde a avaliar a percepção subjectiva que cada membro do casal apresenta da relação. Esta medida

⁵Sprech & Cate, 2004 cit. por Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath & Orpaz, 2006; Dion & Dion, 1988, Levine, 1991, Nowinski, 1988, citados por Narciso, 2002; Blumstein & Schwartz, 1983, Sprecher, 2002, citados por Santtila, Wager, Witting, Harlaar, Jern, Johansson, Varjonen & Sandnabba, 2008; Morokoff & Gilliland, 1993; Sattila *et al.*, 2008; Cordova *et al.*, 2005; Barnes & Sternberg, 1997 cit. por Cordova *et al.*, 2005; Kayser, 1993 cit por Narciso, 2001.

permite compreender, não a satisfação relativamente a critérios externos e padronizados para todos os indivíduos, mas sim o que cada indivíduo sente relativamente à realidade da sua própria relação (Thompson, 1988 cit. por Narciso, 1996).

São vários os factores que podem influenciar a satisfação conjugal, podendo ser organizados, segundo Narciso (2001) em Centrípetos, Centrífugos e de Tempo ou Percurso de Vida.

Os Factores Centrípetos referem-se aos processos que se produzem na relação e a produzem, tais como, Processos Comportamentais ou Operativos (comunicação, conflitos e resolução de conflitos, controlo relacional), Processos Cognitivos (pressupostos/padrões, percepções, atribuições, expectativas) e Processos Afectivos (amor, intimidade, compromisso).

Os Factores Centrífugos dizem respeito aos factores que condicionam a relação ou a afectam, não tendo a sua origem no sub-sistema conjugal, mas sim noutros que com este estão em contacto e englobam Factores Contextuais (família de origem, rede social, trabalho, demográficos) e Factores Pessoais (padrões de vinculação, personalidade, demográficos).

O Factor Tempo ou Percurso de vida consiste noutro factor que influencia o sub-sistema conjugal, como abordaremos de forma mais detalhada no capítulo relativo às diferenças ao longo do tempo.

No nosso trabalho, damos relevo à influência do factor Tempo ou Percurso de Vida (Tempo de casamento) e à influência de factores Centrífugos individuais (Sexo e Clima Relacional vivido na Família de Origem) na Satisfação e Proximidade Conjugais.

As diferenças de género⁶ levam a que, tendencialmente, o maior preditor de satisfação conjugal nos homens seja a percepção da esposa como responsável, e, no caso das mulheres a percepção do marido como simpático e emocionalmente estável. Contudo, estas são características promotoras de satisfação conjugal e valorizadas por ambos os sexos (Norman, 1963, Goldberg, 1981, *in* Shackelford & Buss, 1997, citados por Narciso, 2001).

Existem vários estudos que relatam, também, diferenças entre homens e mulheres ao nível da expressão emocional. As mulheres parecem ter maior probabilidade e facilidade em expressar raiva, amor, felicidade e tristeza do que os homens. Eles, por sua vez, evidenciam maior dificuldade em identificar e expressar

⁶ Ao longo do trabalho, e a propósito da especificidade dos conteúdos temáticos, fomos referindo, sempre que considerámos pertinente, diferenças de género.

emoções (Cordova *et al.*, 2005). Estas diferenças podem ser explicadas pelo processo de socialização, que ocorre de acordo com o género da criança, e que, no caso dos homens, ocorre no sentido da alexitimia, ou seja, não são estimuladas as competências ao nível da identificação e comunicação de emoções (Levant, 2001 cit. por Cordova *et al.*, 2005).

Assim, uma das consequências das diferenças de género na comunicação de emoções, parece ser o impacto desta na satisfação conjugal. No caso dos homens, a comunicação de emoções por parte da parceira não interfere fortemente com a satisfação conjugal deste, mas, no caso das mulheres, a expressão emocional do parceiro constitui uma das variáveis com um forte impacto na satisfação conjugal delas, isto porque, como consequência do seu processo de socialização, as mulheres valorizam mais este domínio do que os homens (Dindia & Allan, 1992 cit. por Cordova *et al.*, 2005).

No que se refere à influência do clima relacional vivido na família de origem, a dimensão satisfação conjugal é aquela que é influenciada por um maior número de características das relações com os progenitores (Moura, 2003). Segundo a autora, as relações pais – filhos exercem maior influência nas características mais estáveis da relação íntima (satisfação e qualidade relacionais e estratégias de resolução de conflitos) do que nas suas dimensões mais transitórias.

Analisaremos, então, posteriormente, estas e outras influências que a família de origem de cada um dos membros do casal exerce na conjugalidade.

2.5 Diferenças ao longo do tempo

É no espaço privilegiado de partilha, de proximidade, mas também de algumas distâncias designado por conjugalidade, que a passagem do tempo pelo casal vai ter um papel primordial.

De facto, como refere Narciso, (1994/95, p. 129) “Não é possível entender o casal se o isolarmos do tempo. O tempo é um diferenciador, um “fazedor” de diferenças.”.

Para entendermos estas diferenças, é importante conhecermos o ciclo de vida da família, pois, todos os outros acontecimentos normativos, e, por vezes, não normativos, que vão ocorrendo a nível familiar, podem infligir transformações no sub-sistema conjugal (Relvas, 2004).

Comecemos, então, por analisar a fase da formação do casal, período que corresponde à formação de uma nova família nuclear, uma vez que, o casal vai diferenciar-se, criando uma autonomia e identidade próprias, sem que, contudo, se perca a continuidade relativamente às gerações anteriores (McGoldrick, 1989; Relvas, 2004). É também devido a esta continuidade que uma das tarefas mais importantes do casal, nesta fase, é a articulação e negociação entre os hábitos, valores, regras, entre outros aspectos que cada um construiu individualmente, mas principalmente nas suas famílias de origem (McGoldrick, 1989). Esta tarefa está essencialmente relacionada com a definição dos papéis de poder, de tomada de decisão e de modos de resolução de conflitos que, neste momento da relação, importa definir (Relvas, 2004).

A definição de limites é, nesta fase, outra das tarefas a realizar pelo casal. A excessiva abertura do sistema ao exterior, num momento em que deve predominar o seu fecho, mas também o excessivo movimento de introversão, podem causar dificuldades que tornam a relação insustentável. (McGoldrick & Carter, 1982; Relvas, 2004).

A definição de limites é também importante dentro do próprio casal, sendo necessário estipular os limites da intimidade, da fusão e da autonomia, ou seja, do “eu”, do “tu” e do “nós” (Relvas, 2004) ou dito de outra forma, é necessário regular os movimentos e velocidade de inclusão do *self* do parceiro no próprio *self* (Aron *et al.*, 2004).

O nascimento do primeiro filho conduz a uma mudança do foco da família, da função conjugal para a função parental. Revela-se importante, e uma das principais tarefas desta fase, o estabelecimento de limites entre os vários sub-sistemas, nomeadamente entre o sub-sistema parental e o sub-sistema conjugal (Relvas, 2004). A relação de grande proximidade física e emocional que se estabelece entre a mãe e o bebé, pode levar a que o pai se sinta colocado em segundo plano. De facto, a interferência da criança estende-se a áreas tão diversas como o quarto do casal, as actividades realizadas por este, os temas de conversa, entre outros (Alarcão, 2006). Torna-se, então, compreensível que Relvas (2004, p. 79), refira que “o aparecimento de uma criança traz consigo um decréscimo na intimidade e satisfação conjugal em termos globais e específicos, como, por exemplo, a nível das relações sexuais e do tempo e atenção mutuamente disponível entre os membros do casal”. Também Gottman & Silver (2001) relatam uma queda abrupta na satisfação conjugal, nesta fase do ciclo de vida familiar, em 67% dos casais avaliados pelos investigadores. Este facto faz com que

o nascimento do primeiro filho seja também um dos principais motivos de divórcio, segundo os autores.

A fase dos filhos em idade escolar e na adolescência continua, tal como na fase anterior, com a abertura da família ao exterior, abrangendo, a partir deste período, a escola e os grupos de pares dos filhos. A família é, então, colocada perante uma avaliação externa, tanto ao nível do desempenho escolar da criança como, principalmente, quanto às suas competências sociais (Relvas, 2004).

O impacto que a passagem por estas fases poderá ter no casal, não se encontra muito analisado na literatura, possivelmente devido ao facto de a diferenciação das várias fases do ciclo familiar ser muito centrada nos filhos, tendo estes, nestas fases, um papel preponderante. Contudo, é possível colocar a hipótese de que, por um lado, o sub-sistema conjugal tenha mais tempo para si, devido à maior autonomização dos filhos e à sua crescente relação e actividades com os pares. No entanto, é também de considerar que o sub-sistema parental esteja particularmente “ocupado” nestas fases, uma vez que, quer relativamente à escola, como, mais tardiamente, a outras preocupações que os pais atravessam durante a adolescência dos filhos, será de esperar que exista um elevado foco nas tarefas parentais, e que, muitas das conversas do casal sejam acerca destes assuntos.

De facto, Olson (1988) refere que, ao nível da satisfação familiar, quer nos homens como nas mulheres, esta desce significativamente quando os filhos se encontram na fase da adolescência, sendo que, nos homens, este é mesmo o período do ciclo de vida em que se regista menor satisfação familiar. No caso das mulheres, o período de menor satisfação corresponde ao período em que os filhos adolescentes iniciam a sua saída de casa. O autor relata, ainda, a existência de uma forte associação entre a satisfação familiar e a satisfação conjugal, o que nos permite concluir que esta fase tem um forte impacto ao nível da satisfação conjugal.

Também o início da actividade sexual dos adolescentes pode ter repercussões a nível familiar e conjugal. O afastamento que os filhos efectuam dos pais nesta fase, pode levar a uma aproximação da díade conjugal, e, até, a um aumento da actividade sexual destes (Combrinck – Graham, 1988).

E é, então, que chega aquela que é considerada a última fase do ciclo familiar, a família com filhos adultos. Este é um período que se caracteriza pelo elevado número de entradas e saídas na família: os filhos saem de casa, aparecem novos parentes por afinidade e netos, entra a geração mais idosa (os pais dos pais) devido à maior

dependência e saem novamente por hospitalização ou morte, entre outros movimentos que afectam a família nuclear. Nesta fase, dá-se, ainda, o aparecimento de uma fonte de stress adicional, com forte impacto na relação conjugal: a reforma (Relvas, 2004).

A reforma, a nível conjugal, apresenta como principal desafio a incorporação do homem na vida doméstica, a sua participação nas tarefas desta e o ajustamento do casal ao grande aumento do tempo que passam juntos (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

Esta é, assim, uma fase em que volta a existir um maior investimento na relação conjugal, visto que, após a saída dos filhos de casa, o casal volta a ficar sozinho, tal como na primeira fase do ciclo familiar. Torna-se, pois, importante que o casal reestruture a sua relação, num momento em que já não se encontra encarregue da maioria das tarefas parentais. Apesar de existir um forte componente de sentimentos negativos, como a tristeza pela falta dos outros elementos, ou a saudade de muitos momentos vividos, a nível do casal, esta fase é, de uma forma geral, acompanhada de um aumento da satisfação conjugal, das interacções sexuais e da partilha de interesses e actividades. Este aumento de partilhas, ainda que possa parecer paradoxal, não deve ser acompanhado de uma dependência muito exacerbada do cônjuge, pois seria complicado ao nível das perdas futuras (i.e. viuvez). Assim, o casal deve, simultaneamente, promover a sua proximidade enquanto díade, mantendo, no entanto, a sua autonomia individual. A capacidade de efectuar as referidas mudanças nesta fase, está, em muito, relacionada com a capacidade que o casal teve durante as fases anteriores de manter os limites e de investir no sub-sistema conjugal (Olson, 1988; Relvas, 2004).

Pode considerar-se que, por norma, a evolução do casal atravessa três fases, ao longo de todo o casamento: fase de fusão (com uma duração que pode ir até aos 10 anos de casamento, sendo que a partir dos 7 anos se inicia uma fusão definitiva), fase de retorno ao “eu” e ao “tu” (que ocorre entre os 10 e os 15 anos de casamento) e a fase de reencontro (a partir dos 20 anos de casamento) (DeFranck-Lynch, 1986 cit. por Relvas, 2004; Gameiro, 2007). A primeira destas fases apresenta como principal característica a fusão do “eu” de cada um dos indivíduos num só sistema, isto é, num “nós”. A segunda fase, por sua vez, consiste num retorno ao “eu” e “tu”, através de um maior investimento na individualidade e autonomia dos membros do casal, que vai acontecer neste período. Este movimento de diferenciação é, muitas vezes, acompanhado de sentimentos de ansiedade e medo de separação. Por último, na terceira fase, verifica-se um retorno ao “nós”, com diferenças muito significativas relativamente à primeira vez, visto que, agora, trata-se de um encontro mais maduro, de uma relação empática entre

dois seres com um maior nível de autonomia e independência, mas cuja aproximação, neste período, permite o distanciamento dos filhos e a sua saída de casa.

Os comportamentos de vinculação nos adultos, quer na vinculação amorosa, como na vinculação aos filhos são, por norma, estáveis, replicando os modelos internos construídos na infância. A principal diferença entre estes comportamentos dá-se a partir da adolescência, passando os laços de vinculação a ocorrer em relações de simetria e baseando-se em dar e receber apoio, atenção e segurança (Mintz, 2004).

Contudo, apesar da estabilidade já referida, a vinculação existente entre os membros do casal passa por várias fases ao longo do tempo de relação (Zeifman e Hazan, 1997 cit. por Mintz, 2004).

A primeira destas fases é a de **pré-vinculação**, em que as interacções de cariz romântico e sexual vão ter um papel de orientação para o desenvolvimento de um futuro laço de vinculação, uma vez que este não existe ainda.

A fase de **vinculação em vias de constituição** corresponde ao período em que os indivíduos sentem que estão a apaixonar-se. Começam, então, a ocorrer trocas emocionais e momentos de auto-revelação. Aqui, a motivação para os contactos físicos já não é apenas a atracção sexual, mas sim a busca de segurança e de intimidade.

Na terceira fase, forma-se o **laço de vinculação**. É, então, que os membros do casal sentem que estão apaixonados, assumindo as trocas emocionais um papel de maior relevo em detrimento da atracção sexual. Estas trocas emocionais por provocarem conforto e segurança conduzem a uma diminuição dos níveis de stress e a comportamentos de procura do parceiro em momentos de necessidade, assim como a reacções de aflição em caso de ausência não prevista ou prolongada deste.

A quarta e última fase deste processo é denominada **parceria corrigida quanto ao objectivo**. Neste momento, os membros do casal sentem que existe uma profunda interdependência emocional, diminuindo os comportamentos de procura do desenvolvimento do laço de vinculação, como, por exemplo, a proximidade física. Os indivíduos podem, assim, retomar a exploração do exterior, por se sentirem seguros quanto à sua ligação com o parceiro.

Este processo tem, aproximadamente, uma duração entre dois a três anos, no final dos quais se espera que o parceiro romântico constitua a principal figura de vinculação do indivíduo.

Como referimos anteriormente, o amor, que constitui o motivo pelo qual a maioria dos casais actuais refere ter casado (Relvas, 2004) é, de acordo com Sternberg &

Barnes, (1988 cit. por Narciso 1994/95) composto por três componentes: a paixão a intimidade e o compromisso.

Uma vez que o amor é apontado como o principal e, por vezes o único motivo para o casamento, torna-se de toda a relevância compreender qual a evolução que este sofre ao longo do tempo. Algumas teorias, como a de Sternberg ou a de Walster (citados por Narciso, 1994/95) consideram que o amor apaixonado, característico da relação no seu início, vai sendo gradualmente substituído por um amor companheiro. No entanto, Narciso (1994/95) propõe uma visão do amor formado por vários componentes que se vão transformando, em função do tempo de duração e do momento da relação, das circunstâncias e dificuldades desta e dos próprios parceiros (Narciso, 2002). Não seria possível que alguns desses componentes se mantivesse inalterável ao longo de todo o casamento, uma vez que, estando todos em relação, mudanças num componente conduziriam inevitavelmente a mudanças nos outros, sendo que a inexistência de mudança nos componentes seria incompatível com o desenvolvimento equilibrado da relação.

Percebe-se, então, que também a intimidade, assim como os seus componentes, são inseparáveis da noção de tempo, visto desenvolverem-se e transformarem-se ao longo dele. Neste domínio, o tempo parece trazer consigo um aumento dos níveis de intimidade, em comparação com o que acontece aos de paixão e compromisso, sem que, contudo, nenhum dos outros componentes referidos desapareça ou perca importância. (Narciso, 94/95).

No caso da satisfação conjugal, a investigação é unânime em considerar que esta varia ao longo do tempo. São muitas as variáveis que têm sido associadas a estas variações, sem que se chegue a um consenso, acerca das que estão realmente na sua base. O que de facto parece poder-se concluir é que a satisfação conjugal varia ao longo do tempo de casamento, devido a vários factores e acontecimentos que o casal vivencia, sendo que não parece ser o tempo de casamento, por si só, a variável responsável por estas variações (Narciso, 94/95).

O tempo desempenha, ainda, um papel importante nas semelhanças e divergências entre os membros do casal. Para compreender esta influência importa especificar dois conceitos: a semelhança e a convergência.

Por semelhança, entende-se a tendência que os sujeitos, neste caso, os dois membros do casal, têm para serem semelhantes num determinado momento no tempo (Gonzaga, Campos & Bradbury, 2007).

Por sua vez, a convergência diz respeito à tendência que os membros do casal têm de se tornar mais semelhantes ao longo do tempo (Gonzaga *et al.*, 2007).

São vários os autores que consideram que os parceiros de uma relação tendem a tornar-se mais semelhantes, ou seja, a convergir ao longo do tempo de relação (Zanjoc, Adelman, Murphy & Niedenthal, 1987 cit. por Aron *et al.*, 2003; Gonzaga *et al.*, 2007).

Skyner & Cleese (1983) consideram que são também as semelhanças entre si que levam duas pessoas a sentirem-se apaixonadas uma pela outra. Os autores enfatizam ainda um área de semelhanças, com particular importância para que os indivíduos se apaixonem: as semelhanças ao nível dos antecedentes familiares.

Tanto a semelhança como a convergência parecem influenciar o funcionamento conjugal, visto que ambos se correlacionam positivamente com esta variável. Vários estudos relacionam as semelhanças na personalidade, atitudes e valores dos membros do casal, com uma satisfação conjugal mais elevada (Burleson & Denton, 1992, Byrne, 1971, Acitelli *et al.*, 2001, Russell & Wells, 1991, citados por Gonzaga *et al.*, 2007). Também a convergência está relacionada com a qualidade e satisfação conjugal, assim como, com uma menor probabilidade de dissolução da relação (Gonzaga *et al.*, 2007).

Anderson *et al.*, (2003 cit. por Gonzaga *et al.*, 2007) referem que a semelhança entre os membros do casal proporciona três principais benefícios para a relação conjugal: a coordenação nas respostas ao ambiente, a maior facilidade em compreender os estados emocionais do parceiro e o sentimento de validação que se gera, uma vez que, ambos os parceiros sentem que partilham as suas emoções com uma pessoa importante.

Gonzaga *et al.* (2007) realizaram um estudo, que relacionou a semelhança e convergência entre parceiros de relações românticas, ao nível emocional e da personalidade, com a qualidade e satisfação conjugal desses casais. Os autores concluíram que as semelhanças a nível emocional e da personalidade estão positivamente correlacionadas com a qualidade conjugal, podendo, assim, predizê-la. Os mesmos resultados foram encontrados para a convergência do casal a nível emocional e de proximidade conjugal, isto é, os casais que ao longo do tempo se tornam mais semelhantes, tornam-se, também, mais próximos entre si, do que os casais em que isto não acontece. A fase inicial do casamento foi, ainda, descrita pelos autores como um período de elevada convergência, em que os indivíduos parecem incorporar

bastantes aspectos do *self* do outro no seu próprio *self*, dados estes que são coerentes com a teoria de Aron.

2.6 A Família de Origem e as suas Influências

“Para qualquer relação interpessoal, os indivíduos trazem consigo memórias de relações passadas e expectativas sobre relações futuras” (Canavarro, 1999, p. 76), não sendo as relações românticas exceção, pelo que estudar a influência das relações passadas, nas relações presentes e futuras é tão importante.

São vários os autores⁷ que referem a importância que a família de origem e as suas regras, papéis familiares, padrões de comunicação e clima relacional, têm no desenvolvimento do indivíduo, e na forma como este se percebe a si próprio, aos outros e às relações que estabelece, ao formarem, na infância, aquele que constitui o papel de fundo para todas as relações que vai criar ao longo da sua vida.

Também Aron *et al.* (2004) realça a influência das relações anteriores no indivíduo, ao considerar que o *self* de cada pessoa é o produto das múltiplas relações que esta estabelece ao longo do ciclo de vida, uma vez que, é construído a partir delas.

Gottman & Silver, (2001), em consonância com os outros autores referem que o casamento constitui a união de dois indivíduos e, conseqüentemente, das suas opiniões, personalidade e valores, construídos previamente.

A família é um local de aprendizagem, aquele que mais conta na vida do indivíduo, pois a sua influência inicia-se numa fase em que a criança não possui ainda maturidade, ao nível do sistema nervoso, que lhe permita questionar, ou procurar alternativas ao que observa, sendo o quadro através do qual interpreta o mundo apenas aquele que lhe é dado pela família (Tenenbaum, 1998).

O ambiente relacional, que o indivíduo experiencia na sua família de origem, é, ainda, um importante sistema regulador do desenvolvimento do ser humano (Sameroff, 1993 cit. por Canavarro, 1999).

Ao nível das situações que o indivíduo vivencia na sua família de origem, elevados níveis de conflito parecem contribuir para a criação de modelos disfuncionais de relacionamento que, mais tarde, tendem a ser repetidos em futuras relações (Santos, 2005).

⁷ Anderson & Sabatelli, 1992, Bagarozzi & Anderson, 1989, Callan & Noller, 1986, Constantine, 1986, Galvin & Brommel, 1991, L'Abate, 1998, Beebe & Masterson, 1986, Blevins, 1993, Collins & Read, 1990, Satir, 1988, citados por Larson *et al.*, 2000.

Segundo Santos (2005), a qualidade das relações estabelecidas entre pais e filhos parece influenciar a qualidade das relações subsequentes, tendo sido também encontrada, pela autora, alguma concordância entre os estilos relacionais românticos de jovens adultos e os padrões de relacionamento experimentados na infância.

Hartup (1986 cit. por Canavarro, 1999) refere três formas através das quais as relações afectivas da criança, ou seja, entre outras com a família de origem, influenciam o seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, as relações afectivas constituem uma base e um contexto para que ocorra a socialização da criança, com a consequente aquisição de aptidões comunicacionais, regulação de emoções e construção do auto-conceito. Mais tarde, as relações afectivas permitem a autonomização da criança, ou aumento da sua percepção de auto-eficácia e o desenvolvimento de aptidões sociais em novas situações. Por fim, as relações afectivas, tanto as que o indivíduo experiencia, como as que observa, consistem em importantes modelos para a construção de relações afectivas futuras.

De facto, de acordo com a aprendizagem vicariante de Bandura (1977 cit. por Canavarro, 1999), os pais terão um papel preponderante enquanto modelos de relacionamento que os filhos seguirão mais tarde, uma vez que a componente afectiva que os une à criança, facilita todas as etapas da aprendizagem por observação e modelagem.

A aprendizagem por modelagem é uma das formas através das quais as crianças aprendem a reproduzir o comportamento que observam nos pais, algo que os influenciará ao longo da sua vida. É assim que muitas das atitudes e comportamentos que os indivíduos apresentam numa relação conjugal, foram aprendidos no contexto da família de origem, como, por exemplo, como resolver uma situação de conflito entre o casal (Skynner & Cleese, 1983). É também por isso, que as relações interpessoais dos jovens adultos são profundamente influenciadas pelo nível de intimidade que os jovens observaram na relação entre os pais (Waring, Tillman, Frelick, Russell & Weitz, 1980 cit. por Larson *et al.*, 2000).

Segundo Collins e Sroufê (1999 cit. por Santos, 2005), as famílias em que os pais têm um casamento harmonioso proporcionam às crianças um ambiente emocional que promove a capacidade para se envolverem em relações românticas. Os adolescentes que cresceram num contexto de exposição a casamentos conflituosos, que terminaram ou não em divórcio, parecem ter uma maior dificuldade em estabelecer relacionamentos satisfatórios e bem sucedidos com o grupo de pares e, mais tarde, com os pares

românticos. Contrariamente, uma percepção mais positiva da relação de casamento parece relacionar-se com expectativas positivas quanto às relações românticas, assim como com elevados níveis de intimidade.

São os modelos familiares que ensinam à criança como desempenhar o papel de homem ou mulher, de pai e mãe e de marido e esposa. É através dos modelos familiares que são transmitidos um conjunto de regras, mitos, rituais e crenças que têm como função orientar o indivíduo sobre como se comportar, sentir, pensar, entre outros (Tenenbaum, 1998).

O impacto que estes modelos familiares têm, mais tarde, no casal é muito elevado, uma vez que, muitos deles, dizem respeito não só a questões de género, como foi referido anteriormente, mas também a comportamentos que são ou não admissíveis no contexto de uma relação romântica ou conjugal e ainda aos papéis, deveres e direitos que esta implica (Tenenbaum, 1998).

As regras familiares constituem, por isso, um guia de comportamentos, próprio de cada família, que contribui para a organização e estruturas familiares, definindo, ainda, as fronteiras, os padrões de comunicação e a intimidade entre os vários elementos (Larson *et al.*, 2000).

Regras disfuncionais na família de origem que enfatizam a não comunicação e a não revelação de si próprio, mais tarde, tendem a gerar uma menor partilha de opiniões, sentimentos, entre outros e, ainda, uma menor intimidade a nível sexual (Larson *et al.* 2000). Assim, a capacidade de estabelecer e manter uma relação de intimidade no contexto de uma relação conjugal pode ser facilitada ou dificultada pelas experiências que cada um dos parceiros teve nas suas famílias de origem (Napier, 1988 cit. por Larson *et al.*, 2000), sendo que, por exemplo, numa família em que o desenvolvimento e a expressão individuais não são encorajados, os filhos podem atingir a idade adulta sem estarem preparados para estabelecer relações próximas e íntimas (Cassidy, Parke, Butkovsky & Braungart, 1992 cit. por Larson *et al.*, 2000).

As respostas a nível emocional são condicionadas pela forma como a família em que o indivíduo cresceu, lida com as emoções. Em cada família, existem emoções classificadas como “boas” e como “más”, sendo que se encoraja à expressão das primeiras e à repressão das segundas. Isto leva a que cada família construa o seu próprio quadro de atitudes emocionais e que os seus membros ajam de acordo com ele (Skynner & Cleese, 1983).

O Modelo VSA (Vulnerabilidade – Stress – Adaptação) do Desenvolvimento das Relações, constitui, um importante contributo para a compreensão da relação entre família de origem e conjugalidade, ao postular que, quer a satisfação, como a dissolução de uma relação, são o produto da interacção de três factores: as forças e vulnerabilidades intrínsecas, ou seja os factores estáveis dos parceiros e nos quais se incluem as experiências na família de origem e os traços de personalidade; as circunstâncias e eventos stressantes que o casal atravessa e, por último, os processos adaptativos que o casal apresenta. O modelo pressupõe, então, que os processos adaptativos são os mecanismos proximais, através dos quais, os dois primeiros factores referidos têm impacto no funcionamento da relação, sendo que, desta forma, são influenciados por, e influenciam a satisfação conjugal (Gonzaga *et al.*, 2007)

Muito relacionada com todas estas questões está a comunicação familiar. É através da forma como esta ocorre na família de origem, que a criança, aprende o que dizer, como o dizer e quando o dizer. Estes modelos comunicacionais vão influenciar todas as interacções que o indivíduo realizar, principalmente, a nível relacional, visto ser a sua aprendizagem, a base de todos os processos relacionais (Tenenbaum, 1998).

3. Processo Metodológico

3.1 O desenho da investigação

O desenho da investigação permite-nos traçar o caminho a seguir ao longo do estudo, funcionando como a “âncora” à qual nos agarramos, não nos permitindo perder ou afundar na imensidão de informação recolhida. Torna-se fundamental para que o rigor e a metodologia inicialmente estabelecidos sejam mantidos ao longo da investigação. Contudo, convém não esquecer nunca que tudo se encontra em constante transformação e que, certamente, uma boa investigação se caracteriza pela existência de alguma flexibilidade, visto que informação e investigação estão em constante relação e que, assim como na nossa vida, o aparecimento de novas descobertas certamente influencia o nosso caminho, como considera Bateson (1987), com a sua premissa da imprevisibilidade inerente aos sistemas vivos.

3.2 A Questão Inicial

A questão inicial que se coloca é a seguinte:

A Família de Origem tem influência na relação conjugal dos indivíduos? De que forma? Será que essa influência se modifica ao longo do tempo? O Género do indivíduo tem influência na relação entre a Família de Origem e a Conjugalidade?

3.3 O Mapa Conceptual

O mapa conceptual consiste na representação gráfica das variáveis que compõem a questão inicial e as relações que se pretendem investigar entre estas.

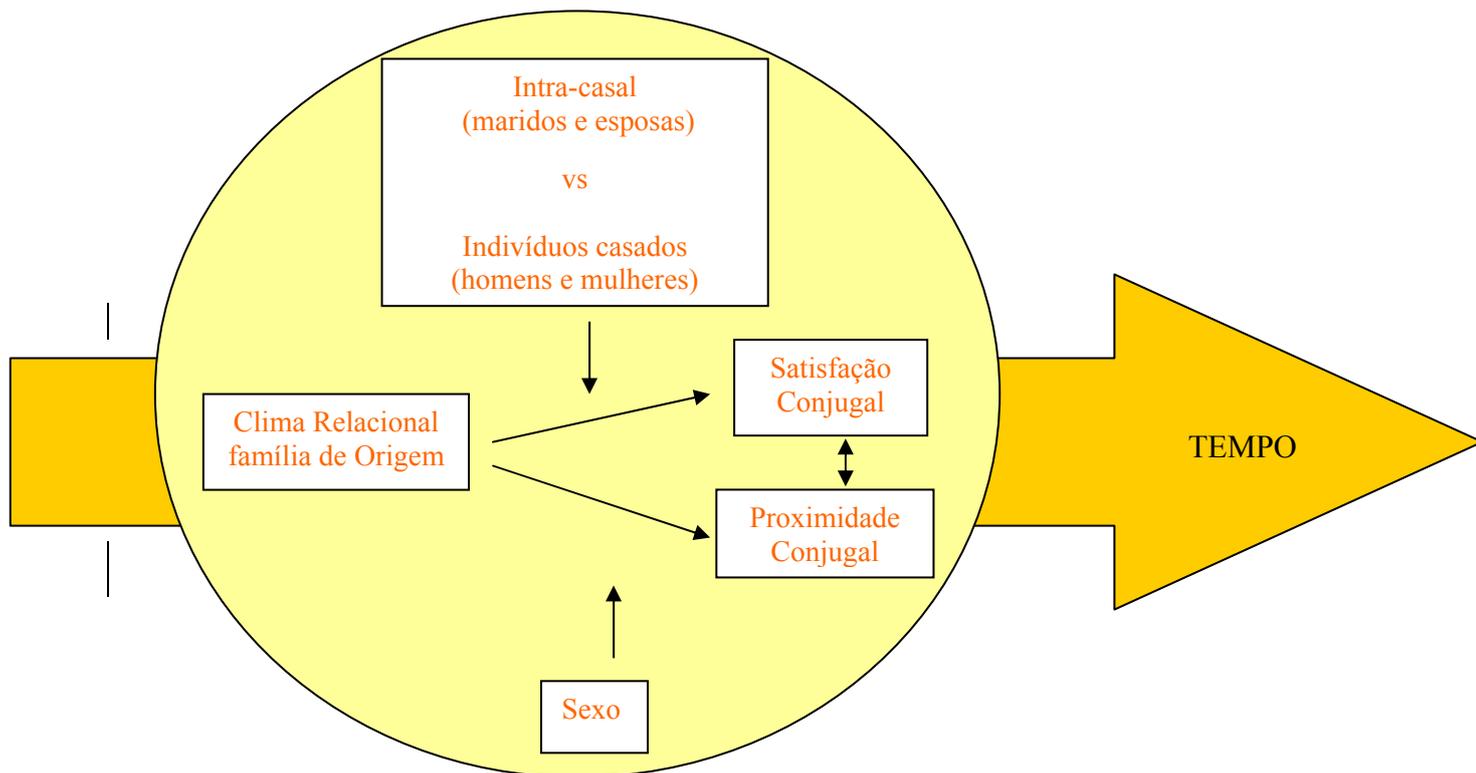


Figura 1 – Mapa Conceptual do Estudo

3.4 Objectivos Gerais e Específicos

Neste estudo, pretende-se investigar as relações familiares, nomeadamente o clima relacional vivido pelos indivíduos na sua família de origem, assim como, perceber qual a influência que este clima relacional pode ter nas relações amorosas estabelecidas posteriormente, principalmente ao nível da satisfação e proximidade conjugais percebidas pelos sujeitos. Pretende-se, ainda, compreender se esta possível relação sofre interferência do tempo de casamento ou do género dos indivíduos e de que forma essas interferências ocorrem. Tratando-se de um estudo exploratório, não se pretendem testar hipóteses, mas sim recolher e compreender a informação acerca das variáveis referidas e das possíveis relações de associação existentes entre elas. Para tal, estabelecem-se como objectivos para este estudo:

- a) compreender quais as relações de associação existentes entre o ambiente familiar na família de origem, a satisfação conjugal e a proximidade conjugal;
- b) perceber se qualquer uma das relações possivelmente existentes sofre interferência das variáveis tempo de casamento ou gênero, e caso se verifique, em que sentido ocorrem essas influências.

3.5 Questões da Investigação

A partir da questão de partida colocada, delineámos as seguintes questões de investigação:

- 1. Existem diferenças entre homens e mulheres relativamente ao clima relacional na família de origem, à satisfação conjugal e à proximidade conjugal?**
- 2. As diferenças entre homens e mulheres (não casados entre si), no geral, relativamente ao clima relacional na família de origem, à satisfação conjugal e à proximidade conjugal são semelhantes à diferenças entre maridos e esposas (intra - casal)?**
- 3. Existem diferenças entre homens e mulheres (não casados entre si), no geral, ao longo do tempo de casamento, em relação à satisfação conjugal e à proximidade conjugal? Existem diferenças entre maridos e esposas (intra-casal) ao longo do tempo de casamento, em relação à satisfação conjugal e à proximidade conjugal?**
- 4. Existe relação entre clima relacional na família de origem, satisfação conjugal e proximidade conjugal, em indivíduos em situação de conjugalidade?**
- 5. A relação entre clima relacional na família de origem, satisfação conjugal e proximidade conjugal varia em função do gênero?**
- 6. A relação entre clima relacional, satisfação conjugal e proximidade conjugal varia em função do tempo de casamento?**

3.6 Estratégia Metodológica

Tal como a questão inicial, a estratégia metodológica, quer em relação à selecção da amostra, como à recolha da dados, assim como a definição de quais os instrumentos a utilizar no estudo, assume uma relevância fundamental no rigor do estudo. É importante que estes processos decorram de forma estruturada e fundamentada.

3.6.1 Seleccção da Amostra

Esta investigação pretende estudar uma amostra da população portuguesa.

Todos os sujeitos da amostra são casados ou residem em união de facto (com duração igual ou superior a dois anos), com ou sem filhos.

No caso de os sujeitos terem filhos, estes podem ser biológicos, enteados ou adoptados, de qualquer idade. Contudo, para responder ao protocolo de investigação do presente estudo, era necessário que pelo menos um dos filhos apresentasse uma idade compreendida entre os dois e os dezoito anos de idade.

A selecção da amostra foi realizada a partir de uma amostragem utilizando-se a estratégia de propagação geométrica (“bola de neve”) (Maroco, 2007).

Todos os participantes eram voluntários, tendo-lhes sido explicado previamente os objectivos do estudo e garantida a confidencialidade.

3.6.1.1 Caracterização da Amostra

A caracterização da amostra que constitui o objecto de estudo torna-se fundamental, pois, só a contextualização dos dados permite a sua compreensão, e, como tal, procederemos à descrição das principais características socio-demográficas dos indivíduos que colaboraram na presente investigação.

A amostra que respondeu ao protocolo descrito anteriormente, é composta por 652 indivíduos, dos quais 315 são homens e 337 mulheres.

A média de idades dos participantes que constituem a amostra é de 38 anos e meio, sendo que o participante mais novo tem 20 anos e o mais velho 72 anos de idade.

Se considerarmos as idades dos participantes agrupadas por faixas etárias, verifica-se que a maior parte dos sujeitos tem entre 30 a 39 anos (n= 231, 35,4%), seguidos dos sujeitos entre os 40 e os 49 anos (n= 223, 34,2%), dos sujeitos entre os 20 e os 29 anos (n= 119, 18,3%), dos sujeitos entre os 50 e os 59 anos (n= 71, 10,9%), dos sujeitos entre os 60 e os 69 anos (n=7, 1,1%) e por último os sujeitos entre os 70 e os 79 anos (n=1, 0,2%), tal como está representado no Quadro 1.

No que diz respeito à origem étnica dos participantes, na sua maioria estes eram caucasianos (n= 630, 97,2%), existindo, contudo, também, sujeitos de origem africana (n=7, 1,1%), de origem caucasiana-africana (n= 6, 0,9%) e, ainda, de outras origens étnicas (n= 5, 0,8%) (Quadro 1).

Quanto à zona de residência, 58,1% dos sujeitos que constituem a amostra (n= 379) residem na zona da Grande Lisboa, 21,3% na zona Centro (n= 139), 6% residem na zona Norte (n= 39), 4,6% residem no Algarve (n= 30), 4% no Arquipélago dos Açores (n= 26), 2, 6% no Alentejo (n= 17), 2, 5% no Arquipélago da Madeira (n= 16), existindo, ainda, 0,9% dos sujeitos (n= 6) que residem noutras zonas.

Relativamente ao nível de escolaridade, 49,5% dos sujeitos que compõem a amostra, possuem habilitações ao nível do ensino superior (n= 322), seguidos por 25,8% que possuem entre o 10º e o 12º ano de escolaridade (n= 168), 10,9% da amostra apresentam habilitações entre o 7º e o 9º ano de escolaridade (n= 71), 8,3% frequentam o ensino universitário (n= 54), 3,1% têm habilitações entre os 0 e o 4º ano de escolaridade (n= 20) e 2,5% dos sujeitos apresentam uma escolaridade entre o 5º e o 6º ano (n= 16), tal como está representado no Quadro 1.

Caracterizando a distribuição da amostra por três níveis socio-económicos, baixo, médio e médio-alto/alto⁸, podemos concluir que a maioria da amostra (n= 324, 49,7%) pertence a um nível sócio-económico considerado médio alto ou alto, que 40,3% (n= 263) insere-se no nível sócio-económico médio e que 10% da amostra (n= 65) se enquadra num nível sócio-económico baixo (Quadro 1).

No que diz respeito ao estado civil dos participantes, verificou-se que 85,4% dos sujeitos são casados (n= 557), 12,9% são solteiros (n= 84) e 1,7% dos indivíduos que responderam ao protocolo são divorciados (n= 11), como está representado no Quadro 1.

Tal como já foi referido anteriormente, independentemente do estado civil dos indivíduos, uma das condições necessárias para a resposta ao protocolo de investigação era a coabitação com um parceiro/a romântico, isto é, os indivíduos teriam de ser casados ou viver em união de facto.

Desta forma, observa-se que 85% (n= 551) dos participantes vivem numa situação de casamento e os restantes 15% (n= 97) vivem em união de facto (Quadro 1)⁹.

⁸ Os critérios utilizados para a aferição do nível socio-económico da amostra, têm por base uma adaptação da classificação de Simões (1994), que cruza dados relativos às profissões e dados relativos à escolaridade.

⁹ Neste caso, são exceção apenas três participantes dos estudo, que se encontram em situação de monoparentalidade.

Ao analisar o tempo de casamento dos indivíduos que apresentam esta situação relacional, concluiu-se que 20,9% (n= 115) têm um casamento com uma duração igual ou inferior a 4 anos, 16,7% (n= 92) têm um casamento com uma duração compreendida entre os 5 e os 9 anos, 14,7% (n= 81) têm um casamento com uma duração entre 10 a 14 anos, 23,2% dos sujeitos (n= 128) têm um casamento com uma duração entre os 15 e os 19 anos e 24,5% dos sujeitos (n= 135) encontram-se casados há vinte ou mais anos (Quadro 1).

Quanto ao número de casamento anteriores, verifica-se que 93,5% dos participantes (n= 608) não tiveram qualquer casamento prévio. 5,4% dos participantes (n= 35) tiveram um casamento anterior, 0,8% dos participantes (n= 5) tiveram dois casamentos anteriores e, por último, 0,3% dos participantes (n=2) tiveram 5 casamentos anteriores à relação actual, tal como é apresentado no Quadro 1.

Nesta figura apresentam-se, ainda, o número de uniões de facto anteriores apresentadas pelos participantes no estudo. A maioria dos participantes (98,6%) não teve nenhuma união de facto anterior à relação actual, tendo apenas 1,4% dos participantes (n= 9) tido uma união de facto anterior.

Relativamente ao número de filhos dos participantes no estudo, o Quadro 1 permite-nos constatar que 28,7% dos inquiridos (n= 187) não têm filhos, 28,8% (n= 188) têm um filho, 33,7% (n= 220) têm dois filhos, 7,1% (n= 46) têm três filhos, 1,2% (n= 8) têm quatro filhos e 0,5% (n= 3) têm cinco filhos.

Importa ainda distinguir quais os diferentes tipos de filhos dos indivíduos inquiridos. A análise do Quadro 1 permite-nos compreender que, de entre os indivíduos com filhos, 80,6% têm filhos biológicos (n= 375), 11% filhos adoptados (n= 51), 1,1% filhos enteados (n= 5) e, por último, 7,3% dos indivíduos (n= 34) têm filhos das várias categorias referidas anteriormente.

Os participantes com filhos só em idade pré-escolar constituem 18,9% (n= 88) da amostra de participantes com filhos, 10,8% (n= 50) refere-se ao número de sujeitos com filhos só em idade escolar, 17,6% (n= 82) corresponde aos indivíduos só com filhos adolescentes, 6,1% (n= 30) diz respeito aos participantes só com filhos jovens adultos/adultos e, relativamente à categoria mista, esta constitui 46,2% (n= 215) da amostra de participantes com filhos (Quadro 1).

Características		Categorias				
Idade	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	> ou =70

	N= 119	18,3 %	N= 231	35,4 %	N= 223	34,2 %	N= 71	10,9 %	N= 7	1,1 %	N= 1	0,2 %												
Origem étnica	caucasiana		africana		Caucasiana - africana		Outra																	
	N= 630		97,2%		N= 7		1,1%		N= 6		0,9%													
	N= 5		0,8%																					
Zona de residência	Norte	Centro	Grande Lisboa		Alentejo	Algarve	Arquipélago da Madeira	Arquipélagos Açores	Outra															
	N= 39	6 %	N= 139	21,3 %	N= 379	58,1%	N= 17	2,6 %	N= 30	4,6 %	N= 16	2,5 %	N= 26	4 %	N= 9	0,9 %								
Nível de Escolaridade	0 – 4 anos esc.		5-6 anos esc.		7-9 anos		10 – 12 anos		Frequência universitária		Ensino Superior													
	N= 20	3,1%	N= 16	2,5%	N= 71	10,9%	N= 168	25,8%	N= 54	8,3%	N= 322	49,5%												
Nível Socio-económico	Nível socio-económico baixo			Nível socio-económico médio			Nível socio-económico médio-alto e alto																	
	N= 65			10%			N= 263			40,3%			N= 324			49,7%								
Estado Civil	Casado				Divorciado				Solteiro															
	N= 557				85,4%				N= 11				1,7%				N= 84				12,9%			
Situação relacional	Casamento								União de facto															
	N= 551								85%				N= 97				15%							
Tempo de Casamento	0 – 4 anos		5 – 9 anos		10 – 14 anos		15 – 19 anos		20 ou + anos															
	N= 115	20,9 %	N= 92	16,7%	N= 81	14,7%	N= 128	23,2%	N= 135	24,5%														
Nº de casamentos anteriores	0		1		2		3		4		5													
	N= 608		93,5%		N= 35		5,4%		N= 5		0,8%		N= 2		0,3%									
Nº de uniões de facto anteriores	0				1																			
	N= 639				98,6%				N= 9				1,4%											
Nº de filhos	0		1		2		3		4		5													
	N= 187	28,7%	N= 188	28,8%	N= 220	33,7%	N= 46	7,1%	N= 8	1,2%	N= 3	0,5%												
Tipos de Filhos	Biológicos				Adoptivos		Enteados		Mistos															
	N= 375				80,6%				N= 51		11%		N= 5		1,1%		N= 34		7,3%					
Idades dos filhos	Só pré-escolar		Só escolar		Só adolescentes		Só jovens adultos/adultos		Mistos															
	N= 88	18,9%	N= 50	10,8%	N= 82	17,6%	N= 30	6,5%	N= 215	46,2%														

Quadro 1 – Características socio-demográficas dos participantes no estudo

3.6.2 Instrumentos Utilizados

O protocolo de investigação deste estudo era composto por uma página inicial onde eram explicados os objectivos do estudo, qual o tratamento a que os dados iriam ser submetidos e onde era garantida a confidencialidade da informação recolhida.

Seguiam-se os seguintes instrumentos: Questionário Geral; A & QRI-S (Mãe, Pai e Cônjuge), (João Moreira, 1998); Sub-escala relacional da *Family Environment Scale* (FES) (R. H. Moos & B. S. Moos, 1986), (Adaptação portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992), (Versão retrospectiva: P. Pascoal & I. Narciso); Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), (Narciso & Costa, 1996); Escala de Inclusão do Outro no Self (IOS), (Aron, Aron & Smollan, 1992); FACES – II (Olson, D., Portner, J., & Bell, R. Q., 1982); Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001), (Versão portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro & Maria Teresa Ribeiro, 2007) - versão experimental; e Inventário de Aliança Parental (R. R. Abidin, 1995), (Versão portuguesa: Marta Pedro & Maria Teresa Ribeiro, 2007) - versão experimental.

Contudo, na presente investigação, apenas serão tidos em conta os dados recolhidos através dos instrumentos FES, EASAVIC e IOS (ver Anexo I):

o **Sub-escala relacional da *Family Environment Scale***

A *Family Environment Scale* consiste numa escala criada por R. H. Moos e B. S. Moos (1986), com o objectivo de avaliar o ambiente familiar em várias dimensões – Relacional, Crescimento Pessoal e Manutenção do Sistema. Esta escala, na sua totalidade, é composta por dez domínios do ambiente familiar, agrupados em três sub-escalas. Neste estudo, optou-se por utilizar apenas a sub-escala relacional, que avalia três domínios – Coesão, Expressividade e Conflito.

Esta sub-escala é composta por vinte e nove itens, cuja resposta se enquadra numa escala de tipo Likert, de seis pontos, em que é pedido aos sujeitos que avaliem a sua concordância com as afirmações fornecidas, através das categorias 1 (discordo totalmente); 2 (discordo); 3 (discordo moderadamente); 4 (concordo moderadamente); 5 (concordo) e 6 (concordo totalmente).

Neste estudo, a FES foi aplicada de uma forma retrospectiva, visto que foi pedido a pessoas casadas ou em união de facto, que respondessem relativamente à sua família de origem, quando tinham entre 10 e 15 anos. Por esse motivo, era ainda pedido aos

sujeitos que respondessem acerca de quais as pessoas com quem coabitavam nesse período.

Quanto às características psicométricas deste instrumento, existem autores que colocaram em questão, quer a forma como a escala foi constituída, como a fundamentação do seu autor acerca das qualidades psicométricas desta (L'Abate & Bagarozzi, 1993).

Contudo, Moos (1990) refere que, tanto na amostra inicial, como mais tarde numa nova aplicação da escala, a FES apresenta uma consistência interna e, consequentemente, uma precisão bastante aceitável. Mais concretamente, a nível da coesão, da expressividade e do conflito, os valores médios do alfa de Cronbach são, respectivamente, de 0.77, 0.62 e 0.75 na replicação, e de 0.78, 0.69 e 0.75 na amostra inicial apresentada no manual do instrumento. É ainda de assinalar que os valores apresentados dizem respeito a itens em que a resposta dos sujeitos é atribuída de acordo com uma classificação de verdadeiro/falso e que o autor considera que, caso a resposta a estes itens seja realizada numa escala de vários pontos, tal como se verifica no nosso estudo, a consistência interna possa ser mais elevada.

Quanto à validade do instrumento, foi pedido a sujeitos não treinados, que distribuíssem os itens que o compõem, pelas várias sub-escalas, desde que tivessem, pelo menos, algum grau de certeza de que o item pertencia aquela escala. Os resultados mostraram que 39 dos 45 itens apresentados foram colocados correctamente por 67% dos sujeitos, sendo que 30 desses itens foram categorizados como “de certeza” pertencentes a cada escala. Segundo Moos (1990), estes resultados comprovam, assim, que o instrumento possui uma boa validade de conteúdo.

○ **Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal**

Esta escala, criada em 1996 por Narciso e Costa, é composta por 44 itens, nos quais os sujeitos avaliam a sua satisfação relativamente a duas dimensões da conjugalidade: Funcionamento Conjugal e Amor. Dentro destes domínios, o instrumento permite, ainda, distinguir cinco áreas do Funcionamento Conjugal (funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extra-familiares e comunicação e conflitos) e cinco áreas da dimensão Amor (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade e características físicas e psicológicas).

A resposta a este instrumento faz-se numa escala do tipo Likert, com os pontos 1 (Nada Satisfeito), 2 (Pouco Satisfeito), 3 (Razoavelmente Satisfeito), 4 (Satisfeito), 5 (Muito Satisfeito) e 6 (Completamente Satisfeito).

No que diz respeito às características psicométricas deste instrumento, aquando da sua criação, a análise factorial revelou a existência de dois factores principais, um relativo ao amor e, o outro, relativo à funcionalidade da relação conjugal. As correlações entre cada item e o factor em que está incluído é sempre superior a 0.52 e os coeficientes alfa encontrados para cada factor são maiores que 0.90 o que nos leva a concluir que este instrumento possui uma elevada consistência interna (Narciso, 2001).

Numa investigação sobre Conjugalidade e Parentalidade, actualmente a decorrer na FPCE-UL, orientada¹⁰ por Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008), no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia no Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, as autoras optaram por realizar um novo estudo sobre as características metrológicas da EASAVIC, com uma amostra de 652 indivíduos casados ou em união de facto, uma vez que se passaram cerca de 15 anos desde os anteriores estudos psicométricos realizados aquando da criação da escala. Assim, o mais recente estudo indicou uma elevada fiabilidade com um alpha de Chronbach de .971, tendo a análise em componentes principais¹¹ revelado uma estrutura unifactorial.

○ **Escala de Inclusão do Outro no *Self***

A Escala da Inclusão do Outro no *Self* foi elaborada em 1992, por Aron, Aron e Smollan. Este instrumento composto por apenas um item, corresponde a sete representações gráficas de diferente graus de sobreposição de dois círculos, em que cada círculo representa um dos membros do casal. É pedido aos sujeitos que escolham a imagem que melhor representa a sua relação conjugal, relativamente ao nível de proximidade.

Os autores da escala consideram que a informação fornecida por esta engloba duas dimensões: “sentir-se próximo” e “agir próximo” (Aron, Aron & Smollan, 1992 cit. por Crespo, 2007). Mais recentemente, veio a ser considerado que esta escala permite ainda

¹⁰ Dado que a investigação está em curso, não existe ainda qualquer publicação sobre a mesma.

¹¹ Como a escala utilizada, ao nível dos itens, é ordinal, as autoras utilizaram uma variante da análise em componentes principais, efectuando-a sobre as ordens (ranks) dos itens. Desta forma, aplicou-se a teoria subjacente à análise em componentes principais a uma matriz de correlações de Pearson. Esta análise designa-se por análise das ordens (Lebart, Morineau, & Piron, 1995).

avaliar a dimensão “pensar próximo” (Agnew, Loving, Le e Goodfriend, 2004 cit. por Crespo, 2007).

Na avaliação de teste-reteste, obteve-se uma correlação de 0.85 entre a primeira e segunda avaliação dos sujeitos que se reportaram à sua relação romântica (Aron et al., 1992 cit. por Crespo, 2007).

Os autores efectuaram, ainda, estudos correlacionais com outras medidas de proximidade que demonstraram a validade concorrente e convergente da escala IOS. Foi também demonstrada a sua validade preditiva, tendo-se revelado significativamente correlacionada com a probabilidade de uma relação continuar intacta três meses mais tarde ($r = .46$) (Aron et al., 1992 cit. por Crespo, 2007).

3.6.3 Procedimento na Recolha de Dados

A recolha de dados ocorreu durante os meses de Dezembro de 2007 e Janeiro de 2008 e foi realizada pelos alunos do 5º ano, da Variante Clínica Sistémica do Mestrado Integrado em Psicologia, a realizar teses orientadas pela Professora Doutora Isabel Narciso e pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro.

A aplicação dos protocolos de investigação decorreu, na maioria dos casos, na habitação dos sujeitos, numa divisão isolada dos restantes membros da família e sem qualquer forma de distração. A investigadora estava presente para o caso de surgirem algumas dúvidas.

Caso não fosse possível a deslocação da investigadora a casa dos sujeitos por indisponibilidade destes, era revisto o protocolo de investigação com os sujeitos antes da entrega do mesmo e fornecido o contacto telefónico da investigadora, para esclarecimento de dúvidas que surgissem durante a resposta. Era, ainda, recomendado aos sujeitos que replicassem as condições de aplicação anteriormente descritas.

No caso da aplicação do protocolo de investigação aos dois membros do casal, esta ocorria de forma simultânea, mas em espaço separados, para que não fosse possível qualquer tipo de comunicação entre os sujeitos.

4. Resultados

Após a aplicação dos protocolos de investigação e conseqüente recolha de dados, procedeu-se à análise estatística dos mesmos, com recurso ao programa informático SPSS, versão 15.0.

Esta análise teve início com a decisão do uso de testes paramétricos ou não paramétricos. Para tal, foi testada a normalidade das respostas aos três instrumentos em estudo (FES, EASAVIC e IOS), na amostra geral, assim como nas várias sub-amostras (sexo, intra-casal/não casados entre si e tempos de casamento). Como é possível verificar no Anexo II, onde o estudo da normalidade é descrito mais pormenorizadamente e são apresentados os resultados obtidos. Na grande maioria dos casos analisados as variáveis em estudo não seguem uma distribuição normal nas populações alvo, o que leva a que não cumpram um dos requisitos necessários para a aplicação de testes paramétricos (Maroco, 2007).

Outro dos motivos que nos levou a tomar esta decisão, prende-se com o facto de uma das variáveis em estudo estar representada numa escala ordinal. Uma vez que, a utilização dos testes paramétricos deve ser realizada essencialmente quando as escalas em análise são métricas (Maroco, 2007), também este dado nos conduziu à decisão de recorrer aos testes não paramétricos.

Relembramos, então, as questões de investigação colocadas anteriormente, explicando, para cada um delas, os procedimentos de análise estatística realizados e os resultados obtidos, sendo que, neste capítulo, apenas mencionaremos os valores relativos aos resultados significativos. A totalidade dos valores obtidos, incluindo os não significativos, são apresentados no Anexo III.

1. Existem diferenças entre homens e mulheres relativamente ao clima relacional na família de origem, à satisfação conjugal e à proximidade conjugal?

Para responder a esta questão foram analisadas as respostas dos indivíduos aos questionários FES, EASAVIC e IOS, tendo sido utilizado o teste estatístico não paramétrico Mann-Whitney, uma vez que as respostas dos indivíduos a estes questionários não seguem uma distribuição normal e as respostas ao questionário IOS encontram-se numa escala ordinal.

Através dos resultados obtidos, podemos dizer que ao nível do Clima Relacional na Família de Origem, como da Satisfação Conjugal e ainda relativamente à Proximidade Conjugal, que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres (ver anexo III).

2. As diferenças entre homens e mulheres (não casados entre si), no geral, relativamente ao clima relacional na família de origem, à satisfação conjugal e à proximidade conjugal são semelhantes às diferenças entre maridos e esposas (intra - casal)?

Na recolha e tratamento dos dados, os participantes foram divididos em duas categorias: os intra-casal, ou seja os que são casados com indivíduos que também participaram no estudo e os indivíduos casados, mas cujos cônjuges não participaram no estudo. Assim, foi possível analisar, por um lado, os dados provenientes dos indivíduos casados entre si (intra-casal) e, por outro lado, os dados dos homens e mulheres casados, mas que não são casados entre si.

Para resposta à Questão 2, foi aplicado o Teste estatístico não paramétrico de Mann-Whitney. Para tal, procedeu-se a uma comparação das respostas, relativamente ao género dos indivíduos, para as variáveis em estudo, nas situações intra-casal e de indivíduos não casados entre si.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, tanto na situação de indivíduos não casados entre si, como na situação intra-casal, no que diz respeito às variáveis Clima Relacional na Família de Origem, Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal (ver anexo III).

3. Existem diferenças entre homens e mulheres (não casados entre si), no geral, ao longo do tempo de casamento, em relação à satisfação conjugal e à proximidade conjugal? Existem diferenças entre maridos e esposas (intra-casal) ao longo do tempo de casamento, em relação à satisfação conjugal e à proximidade conjugal?

Para responder a esta questão de investigação, recorreu-se ao teste não paramétrico de Kruskal – Wallis, tendo sido a amostra dividida pelo critério referido na Questão 2, isto é, nas sub-amostras Intra-casal e Indivíduos não casados entre si.

Através dos resultados obtidos, podemos compreender que, na situação Intra-casal, não foram verificadas diferenças nos níveis de Satisfação Conjugal, nos vários tempos de casamento, quer no caso dos homens, como no caso das mulheres (ver anexo III). Na situação de Indivíduos não casados entre si, existem diferenças, nos níveis de Satisfação Conjugal, nos vários tempos de casamento, tanto no caso dos homens ($\chi^2 =$

14,144; $p= 0,007$), como no caso das mulheres ($\chi^2 = 14,394$; $p= 0,006$), com um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

De seguida, foram realizadas comparações múltiplas *a posteriori*, uma vez que, tínhamos como objectivo compreender quais os tempos de casamento que são responsáveis pelas diferenças significativas nos níveis de Satisfação Conjugal.

Os resultados, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$ mostram- nos que, no caso dos homens, existem diferenças significativas relativamente à variável Satisfação Conjugal, na comparação dos seguintes tempos de casamento: entre os 0 - 4 anos e os 10 - 14 anos ($p= 0,010$) (*Mean Difference* = 58,446970, ver anexo III); entre os 0 - 4 anos e os 15 - 19 anos ($p = 0,000$) (*Mean Difference* = 77,916667, ver anexo III); entre os 0 - 4 anos e os ≥ 20 anos ($p= 0,006$) (*Mean Difference* = 55,083333, ver anexo III) e entre os 5 - 9 anos e os 15 - 19 anos ($p= 0, 026$) (*Mean Difference* = 46,568627, ver anexo III).

No caso das mulheres, os resultados obtidos demonstram a existência de diferenças significativas, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$, nas comparações entre os seguintes períodos de tempo de casamento: entre os 0 - 4 anos e os 5 - 9 anos ($p = 0,001$) (*Mean Difference* = 65,043182, ver anexo III); entre os 0 - 4 anos e os ≥ 20 anos ($p= 0,001$) (*Mean Difference* = 69,425000, ver anexo III) e entre 15 - 19 anos e os ≥ 20 anos ($p= 0, 0,048$) (*Mean Difference* = 47,950000, ver anexo III).

Os resultados obtidos, mostram-nos também que, na totalidade dos casos mencionados relativamente à variável Satisfação Conjugal, em cada comparação de duas categorias de tempos de casamento, são sempre os tempos de casamento mais baixos que apresentam o valor mais elevado de satisfação (avaliada pela *Mean Difference*, ver anexo III).

Podemos, desta forma compreender que existem diferenças entre os indivíduos não casados entre si e os participantes na situação Intra-casal, para a variável Satisfação Conjugal, visto que, na primeira situação foram encontradas diferenças ao longo dos vários tempos de casamento, facto que não se verificou na situação Intra-casal.

Relativamente às diferenças entre homens e mulheres, na situação de Indivíduos não casados entre si, podemos constatar que os períodos de tempo em que se verificam diferenças, não coincidem, com excepção do período em que comparamos os períodos de tempo de casamento entre os 0 - 4 anos e os ≥ 20 anos.

No que diz respeito à variável Proximidade Conjugal, através dos resultados obtidos, podemos verificar que não foram encontradas diferenças, na situação Intra-

casal, nos vários tempos de casamento, quer no caso dos homens, como no caso das mulheres. Na situação de Indivíduos não casados entre si, existem diferenças, nos vários tempos de casamento, no caso dos homens ($\chi^2 = 9,621$, $p = 0,047$), para um nível de significância de $\alpha = 0,05$. No caso das mulheres não foram encontradas diferenças significativas entre os tempos de casamento.

Foram, novamente, realizadas comparações múltiplas *a posteriori*, com o objectivo de compreender quais os tempos de casamento que são responsáveis pelas diferenças significativas nos níveis de Proximidade Conjugal.

Os resultados, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$, mostram- nos que, no caso dos homens, existem diferenças significativas relativamente à variável Proximidade Conjugal, na comparação dos seguintes tempos de casamento: entre os 0 – 4 anos e os 15 – 19 anos ($p = 0,010$) (*Mean Difference* = 25,455556, ver anexo III); entre os 15 - 19 anos e os ≥ 20 anos ($p = 0,017$) (*Mean Difference* = -23,782353, ver anexo III).

Relativamente à Proximidade Conjugal, podemos compreender que, no caso da primeira comparação mencionada, é o período dos 0 aos 4 anos de casamento, que está associado a um maior nível de proximidade conjugal. Já no caso da segunda comparação referida, é no período superior aos 20 anos de casamento que se registam os maiores níveis de proximidade conjugal.

Deste modo, podemos verificar que, também no caso da variável Proximidade Conjugal, foram encontradas diferenças entre as situações Intra-casal e Indivíduos não casados entre si, uma vez que, não foram encontradas diferenças ao longo do tempo, para a primeira situação referida e o foram para a segunda.

Relativamente às diferenças entre homens e mulheres, para a situação de Indivíduos não casados entre si, também neste caso, se verificou que existem, visto que os homens apresentam diferenças na Proximidade Conjugal ao longo do tempo de casamento, e as mulheres não.

4. Existe relação entre clima relacional na família de origem, satisfação conjugal e proximidade conjugal, em indivíduos em situação de conjugalidade?

Para a resposta a esta questão de investigação, procedeu-se a uma análise estatística não paramétrica, através do Coeficiente de Correlação de Spearman. Foi encontrada uma correlação directa e significativa entre todas as variáveis, tal como está

apresentado no Quadro 2. A correlação que se apresenta mais elevada é a existente entre a Satisfação Conjugal e a Proximidade Conjugal, sendo uma correlação moderada.

A relação entre o Clima Relacional na família de Origem e a Proximidade Conjugal, assim como a relação entre a primeira variável e a variável Satisfação Conjugal podem ser classificadas como correlações fracas.

Variáveis	Clima Relacional	Satisfação Conjugal	Proximidade Conjugal
Clima Relacional		$r_s = 0,251$ $p = 0,000$	$r_s = 0,144$ $p = 0,001$
Satisfação Conjugal	$r_s = 0,251$ $p = 0,000$		$r_s = 0,522$ $p = 0,000$
Proximidade Conjugal	$r_s = 0,144$ $p = 0,001$	$r_s = 0,522$ $p = 0,000$	

Quadro 2 - Coeficientes de correlação entre as variáveis nos indivíduos em situação de conjugalidade

5. A relação entre clima relacional na família de origem, satisfação conjugal e proximidade conjugal varia em função do género?

Ao analisar separadamente homens e mulheres, no que diz respeito às correlações entre o Clima Relacional na família de origem, a Satisfação Conjugal e a Proximidade Conjugal, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman.

Os resultados indicam-nos, no caso dos homens, que apenas a correlação entre o Clima Relacional na Família de Origem e a Proximidade Conjugal não é significativa (ver anexo III), o que está no seguimento da análise feita anteriormente acerca da Questão 4, em que também aí tínhamos constatado que esta era uma das correlações tendencialmente mais fracas. Ainda relativamente ao Clima Relacional na Família de Origem, podemos compreender que este se correlaciona de forma significativa e directa com a Satisfação Conjugal, sendo, no entanto, uma correlação fraca ($r_s = 0,250$; $p = 0,000$). No que diz respeito às correlações entre a Satisfação Conjugal e a Proximidade Conjugal, também, neste caso, esta é a mais significativa, sendo considerada moderada ($r_s = 0,549$; $p = 0,000$).

No caso do sexo feminino, é possível verificar que as correlações entre as variáveis são todas directas e significativas estatisticamente. Também, neste caso, se comprova uma relação moderada entre a Satisfação Conjugal e a Proximidade Conjugal ($r_s = 0,503$; $p = 0,000$) e uma correlação fraca entre a Satisfação Conjugal e o Clima

Relacional na Família de Origem ($r_s = 0,255$; $p = 0,000$), e entre esta última variável e a Proximidade Conjugal ($r_s = 0,179$; $p = 0,002$).

Na comparação entre os dois sexos, podemos constatar que as diferenças no que se refere às intensidades das correlações entre as variáveis, diferem pouco, o que nos leva a considerar a não existência de diferenças entre os sexos.

6. A relação entre clima relacional, satisfação conjugal e proximidade conjugal varia em função do tempo de casamento?

Para a resposta a esta questão de investigação desenvolveu-se a análise estatística com recurso ao Coeficiente de Correlação de Spearman.

Foi possível verificar que entre o Clima Relacional na Família de Origem e a Proximidade Conjugal, a relação varia ao longo do tempo, sendo que o período de tempo em que é mais elevada e significativa ($r_s = 0,279$; $p = 0,003$), é o que vai dos 0 aos 4 anos de casamento. Nos restantes períodos de tempo, a relação entre as duas variáveis não é significativa (ver anexo III).

No que diz respeito à relação entre o Clima Relacional na Família de Origem e a Satisfação Conjugal, esta relação é significativa ($r_s = 0,413$; $p = 0,000$) e tendencialmente moderada entre os 0 e os 4 anos de casamentos. Entre os 5 e os 14 anos a relação entre as variáveis não é significativa (ver anexo III). A partir dos 15 anos de casamento, volta a verificar-se uma relação significativa ($r_s = 0,264$; $p = 0,009$), contudo, trata-se de uma relação fraca entre as variáveis. Também a partir dos 20 anos de casamento, esta relação mantém-se ($r_s = 0,220$; $p = 0,023$), apesar de fraca.

A relação entre as variáveis Satisfação e Proximidade Conjugal é aquela que apresenta resultados significativos e mais elevados, no decorrer de todos os tempos de casamento, como se pode verificar no Quadro 3.

Correlações entre variáveis	0-4 anos	5-9 anos	10-14 anos	15-19 anos	≥ 20 anos
Satisfação Conjugal – Proximidade Conjugal	$r_s = 0,450$ $p = 0,000$	$r_s = 0,667$ $p = 0,000$	$r_s = 0,472$ $p = 0,000$	$r_s = 0,549$ $p = 0,000$	$r_s = 0,533$ $p = 0,000$

Quadro 3 - Coeficientes de correlação entre Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal ao longo do tempo de casamento

5. Discussão dos Resultados

Através dos resultados obtidos e anteriormente apresentados, podemos, de um modo geral, concluir que o Clima Relacional vivido na Família de Origem influencia a Satisfação e Proximidade Conjugais na vida adulta. Este efeito, contudo, não parece ser muito expressivo, uma vez que a correlação encontrada entre as variáveis é positiva, significativa mas fraca.

Os dados obtidos estão, então, de acordo com modelos já descritos anteriormente, como por exemplo, o Modelo Vulnerabilidade – Stress – Adaptabilidade do Desenvolvimento das Relações (Bradbury, 1995 cit. por Gonzaga *et al.*, 2007) que considera as variáveis familiares, e entre elas o clima relacional, como uma das forças e/ou vulnerabilidades intrínsecas das relações conjugais.

Como podemos compreender através da revisão teórica realizada, são vários os autores (Larson *et al.*, 2000; Tenenbaum, 1998) que consideram a influência da família de origem em competências como a resolução de conflitos, a comunicação, a expressão de sentimentos, entre outras. Como também tivemos oportunidade de referir anteriormente, estas são também características associadas de forma positiva à Satisfação e Proximidade Conjugais (Narciso, 2001). Desta forma, compreende-se que apesar de não as explicar totalmente, o Clima Relacional vivido na Família de Origem, influencia a Proximidade e a Satisfação nas relações conjugais que o indivíduo virá a estabelecer na vida adulta, principalmente através das características e competências que cada pessoa desenvolve no seio da sua Família de Origem e que trará, no futuro, para as relações que virá a estabelecer.

Na relação entre estas variáveis parece ter alguma influência o sexo dos indivíduos, visto que, apesar de não terem sido encontradas diferenças entre homens e mulheres para cada variável, foram encontradas diferenças na forma como estas variáveis se relacionam.

Quanto à influência do Clima Relacional na Família de Origem na Proximidade Conjugal, as mulheres evidenciaram a existência de uma correlação directa entre as variáveis, algo que não se verificou no caso dos homens. Talvez esta discrepância seja devida às diferenças encontradas entre homens e mulheres em investigações anteriores (Narciso, 2001; Rubin, 1984 cit. por Larson *et al.*, 2000), pois, as mulheres, na intimidade conjugal, valorizam mais aspectos focados sobretudo na intimidade emocional enquanto os homens valorizam os aspectos que se centram mais na

intimidade física. Além do mais, a investigação demonstra, igualmente, uma maior orientação das mulheres para a relação, enquanto os homens têm uma orientação mais instrumental

As mulheres dão, então, maior importância a variáveis como o diálogo, a expressão de sentimentos ou a compreensão mútua (Narciso, 2001; Rubin, 1984 cit. por Larson *et al.*, 2000), ou seja, variáveis mais relacionadas com o Clima Relacional na Família de Origem e, portanto, presentes no questionário FES utilizado no protocolo de investigação, o que pode ter conduzido à correlação significativa encontrada entre as duas variáveis.

No caso da correlação entre o Clima Relacional na Família de Origem e a Satisfação Conjugal, não foram encontradas diferenças entre os sexos, o que significa que, tanto a Satisfação dos homens, como das mulheres é influenciada, ainda que de forma pouco expressiva, pelo Clima Relacional experienciado na Família de Origem.

No que diz respeito às variáveis Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal, verificou-se a existência de uma correlação significativa, directa e elevada entre elas.

Para cada uma das variáveis acima referidas, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres, bem como na relação entre elas.

No caso da Satisfação Conjugal, o facto de não terem sido encontradas diferenças entre os sexos, ao contrário do que se verificou em estudos anteriores para alguns componentes desta variável (Norman, 1963, Goldberg, 1981, *in* Shackelford & Buss, 1997, citados por Narciso, 2001; Cordova *et al.*, 2005), pode ser devido ao carácter global da escala utilizada para a sua avaliação. Ou seja, se fosse realizada uma análise por áreas da vida conjugal, seriam de esperar diferenças entre homens e mulheres, em algumas dessas áreas, ainda que, a nível global, tal não se verifique.

De acordo com o descrito na revisão bibliográfica realizada, seria de esperar um maior nível de Proximidade Conjugal por parte das mulheres, uma vez que elas tendem a desejar um maior grau desta variável. Contudo, a Proximidade Conjugal é algo desejado por ambos os sexos, pois, como referimos, ela está associada ao desejo de expansão do *self*, necessidade essa que é inconsciente e comum à maioria das pessoas, principalmente no contexto de uma relação romântica (Aron *et al.*, 2004; Aron & Aron, 2008). Por isso, o facto de não se verificarem diferenças entre homens e mulheres, parece indicar que no caso desta amostra, onde os participantes eram sujeitos motivados para a participação num estudo acerca de conjugalidade, o desejo e a necessidade de Proximidade são comuns a ambos os sexos. Nesta situação, tal como no caso da

Satisfação Conjugal, o que parece variar entre os sexos é a ênfase dada a determinados componentes da Proximidade e, conseqüentemente, da Intimidade, sem que, na globalidade do processo, se manifestem diferenças (Narciso, 2001).

No caso da elevada relação encontrada entre a Satisfação e a Proximidade Conjugais, assim como, a ausência de diferenças de género nesta relação, estes são dados que se encontram de acordo com a informação recolhida a nível da revisão bibliográfica. Tal como outros autores consideram, estas duas variáveis parecem aumentar ou diminuir em associação uma com a outra. De facto, Aron *et al.* (2004), consideram que, para que exista satisfação com a relação conjugal, é necessário que exista um nível também satisfatório de proximidade conjugal.

Apesar de neste estudo não se conseguir determinar directamente a relação entre o nível desejado e o nível real de Proximidade Conjugal e destes dois construtos com a Satisfação Conjugal, uma vez que não foi avaliado o nível desejado de proximidade, podemos verificar a forte associação entre as variáveis Satisfação e Proximidade Conjugais, referida por Aron *et al.* (2004). Contudo, através deste estudo, podemos ainda concluir que quanto maior for a Proximidade Conjugal, mais satisfeitos os sujeitos referem estar, o que significa que um nível muito elevado de proximidade, não será interpretado pela maioria dos participantes como uma situação de sobre-expansão do *self*. Apesar de não se poder concluir tal facto através destes dados, parece-nos pertinente considerar a hipótese de que a Proximidade do parceiro seja algo muito desejado pela maioria das pessoas que participaram neste estudo e que, portanto, não será sentido, muitas vezes, como excessivo.

Outro dos objectivos deste estudo prendia-se com a compreensão das alterações que estas variáveis Satisfação e Proximidade Conjugais, bem como as relações entre elas sofrem ao longo do tempo de casamento. Como refere Narciso (1994/95), não é possível conhecermos a conjugalidade e os seus componentes, sem compreendermos as transformações inerentes à passagem do tempo pelo casamento.

Os resultados obtidos mostram-nos que o Clima Relacional na Família de Origem apenas está relacionado com a Proximidade Conjugal, nos primeiros 4 anos de casamento. Este efeito pode dever-se à fase do ciclo de vida em que o casal se encontra, pois, como refere Relvas (2004), esta é uma fase em que os indivíduos estão a criar regras e padrões de funcionamento familiar próprios, estando portanto, a integrar aquilo que aprenderam e utilizaram nas suas Famílias de Origem, sendo, então, bastante influenciados por estas. A observação que os indivíduos fizeram da relação conjugal dos

pais parece ter aqui também um papel importante, pois esta tende a ser o principal modelo de conjugalidade que os indivíduos possuem e pelo qual são influenciados (Tenenbaum, 1998; Skynner & Cleese, 1983; Canavarro, 1999). Depois do casal ter criado a sua própria forma de resolver problemas, demonstrar afectos, expressar opiniões, etc, a influência do Clima Relacional vivido na Família de Origem vai sendo menos elevada, deixando, assim, de ser significativa nas fases seguintes do ciclo de vida.

O mesmo pode ser considerado acerca da influência do Clima Relacional na Família de Origem, na Satisfação do casal. Nos primeiros anos, enquanto o casal tenta estabelecer o seu próprio modo de funcionamento, é ainda influenciado pelas suas Famílias de Origem e pelo Clima Relacional experienciado nelas, existindo, então correlação entre as variáveis. No período de tempo entre os 5 e os 14 anos de casamento, esta relação deixa de ser significativa, o que também poderá ser associado à fase do ciclo de vida que o casal atravessa, uma vez que, neste momento, o foco familiar encontra-se muito centrado nas questões parentais. A partir dos 15 anos de casamento, esta relação volta a tornar-se significativa, pois o casal, com a crescente autonomia dos filhos, torna a virar-se mais um para o outro, enfatizando as questões conjugais. Poderá, então, existir a tendência para reviver os anos iniciais de casamento e retomar o modo de funcionamento inicial. Esta é também uma fase em que os pais dos membros do casal começam a tornar-se mais dependentes da família ou até a coabitar com ela. Este pode, assim, ser também um factor que conduz a um aumento da influência do Clima Relacional na Família de Origem, na Satisfação Conjugal actual.

Associado à passagem do tempo, ocorre também outro efeito já descrito por alguns autores (Zanjoc, Adelman, Murphy & Niedenthal, 1987 cit. por Aron *et al.*, 2003; Gonzaga *et al.*, 2007): a convergência entre os membros do casal. Foi também, neste estudo, nosso propósito verificar a ocorrência deste fenómeno.

Através da comparação dos grupos “indivíduos casados” e “intra-casal”, podemos compreender que em nenhum destes grupos foram encontradas diferenças, entre homens e mulheres, relativamente às variáveis Clima Relacional na Família de Origem, Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal. Este resultado já era esperado, uma vez que, na amostra geral, também não se verificaram diferenças entre os sexos.

No caso das diferenças entre homens e mulheres, nos vários períodos de tempo de casamento e relativamente às variáveis Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal,

observámos que apenas na situação de indivíduos não casados entre si, foram encontradas diferenças ao longo do tempo de casamento.

No caso dos homens, estas diferenças foram sempre no sentido de um maior nível de Satisfação Conjugal, associado à fase inicial do casamento, isto é, ao período entre os 0 e os 4 anos. Por comparação, os períodos mais tardios da relação (a partir dos 10 anos de casamentos), apresentam valores mais baixos de Satisfação Conjugal.

Também no caso das mulheres, os valores mais elevados de Satisfação Conjugal estão associados ao início da relação conjugal. Contudo, o início do período em que a Satisfação Conjugal é significativamente menor tem início apenas a partir dos 15 anos de casamento.

Os dados relativos aos maiores níveis de satisfação nos primeiros anos de casamento, podem ser compreendidos se considerarmos o modelo de inclusão do outro no *self* (Aron, *et al.*, 2004) que considera que quando os indivíduos estão ainda numa fase activa de expansão do seu *self* e inclusão do *self* do parceiro, tendem a sentir-se mais satisfeitos.

Também o facto da maioria dos casais, nestes períodos de tempo não ter ainda filhos e, portanto, encontrar-se numa fase de introversão do sub-sistema conjugal relativamente ao exterior (Relvas, 2004) e tendo mais tempo disponível para realizar actividades conjuntas, pode levar a que os indivíduos sintam que cuidam e são mais cuidados pelo parceiro, na relação, sentindo-se, desta forma, mais satisfeitos.

Pelo contrário, os períodos de tempo acima dos 10 ou 15 anos de casados corresponde às fases do ciclo de vida “família com filhos em idade escolar” ou “famílias com filhos adolescentes”. Estas são fases em que a satisfação familiar e, conseqüentemente, a satisfação conjugal tendem a ser menores, principalmente no caso dos homens (Olson, 1988), o que pode contribuir para explicar, não só o menor grau de satisfação conjugal apresentado pelos sujeitos durante estes períodos de tempo de casamento, mas também, o facto de serem os homens a sentir mais cedo uma diminuição da satisfação.

Para a diminuição da satisfação familiar e conjugal nestas fases do ciclo de vida, podem contribuir factores como, por exemplo, a preocupação com os filhos ou o investimento na carreira que é frequente nesta fase de vida dos indivíduos e que, conseqüentemente, contribuem para a diminuição dos tempos livres e da qualidade desses mesmos tempos, de que o sub-sistema conjugal dispõe para si.

No que diz respeito às diferenças entre homens e mulheres, ao longo do tempo de casamento, relativamente à variável Proximidade Conjugal, apenas foram encontradas diferenças significativas, no caso dos homens.

O facto da Proximidade Conjugal, no caso das mulheres não variar tanto ao longo do tempo, parece indicar que elas tendem a adoptar e manter um nível estável de proximidade relativamente ao parceiro, pelo que, também, não parecem ser muito afectadas pelas transições das várias fases do ciclo de vida, relativamente a este parâmetro.

O mesmo não acontece com os homens, que apresentam um maior nível de proximidade conjugal no início da relação (entre os 0 e os 4 anos) e, mais tarde, no período superior aos 20 anos de casamento. Assim, podemos compreender que os homens tendem a sentir-se mais próximos da parceira em fases do ciclo de vida em que o casal tem mais tempo para si próprio, ou seja, na fase sem filhos e na fase com filhos adultos, ou já com um elevado grau de autonomia dos pais. Mais uma vez, a explicação para este facto pode ter associada a realização de tarefas conjuntas ou a ocupação de tempos livres de qualidade entre o casal, o que propicia o aumento da proximidade e intimidade entre o casal, principalmente no caso dos homens, que tendem a valorizar este tipo de factores (Narciso, 2001; Rubin, 1984 cit. por Larson, Peterson, Heath & Birch., 2000).

Estas diferenças ao longo do tempo, verificadas no caso dos homens, encontram-se também de acordo com o modelo de evolução do casal, de DeFranck-Lynch (1986 cit. por Relvas, 2004), uma vez que o modelo considera que, na primeira (fase de fusão, com uma duração que pode ir até aos 10 anos de casamento) e na terceira e última (fase de reencontro a partir dos 20 anos de casamento) fases, existe uma maior proximidade entre os membros do casal durante os referidos períodos de tempo.

Contudo, existe uma tendência nesta análise que pode parecer contraditória com os dados que foram referidos na nossa revisão teórica e também nos resultados obtidos na presente investigação. Isto porque, parece existir um período de tempo em que, no caso dos homens, existe um aumento da Proximidade Conjugal e, contudo, a Satisfação Conjugal diminui. Pensamos que este dado possa ser explicado por uma razão cultural, ou seja, os participantes do nosso estudo que se enquadram na categoria do tempo de casamento superior a 20 anos, são homens que, provavelmente, partilham algumas crenças de que deve ser a esposa a realizar as tarefas domésticas, como cuidar da casa, elaborar as refeições, preparar a roupa, entre outras, o que pode levar a que se

percepcionem como mais dependentes das parceiras do que a amostra geral, sem que, contudo, haja a correspondente associação directa com a Satisfação Conjugal, como foi encontrada na amostra total, uma vez que estes níveis de Proximidade Conjugal podem não corresponder à percepção da qualidade da relação, mas sim à percepção da dependência relativamente à parceira.

Apesar de, não se verificam diferenças significativas, para todos os tempos de casamento, entre o grupo intra-casal e o grupo dos indivíduos não casados entre si, importa aqui observar uma tendência revelada pelos dados e apresentada nas seguintes figuras, relativamente à variável Satisfação Conjugal:

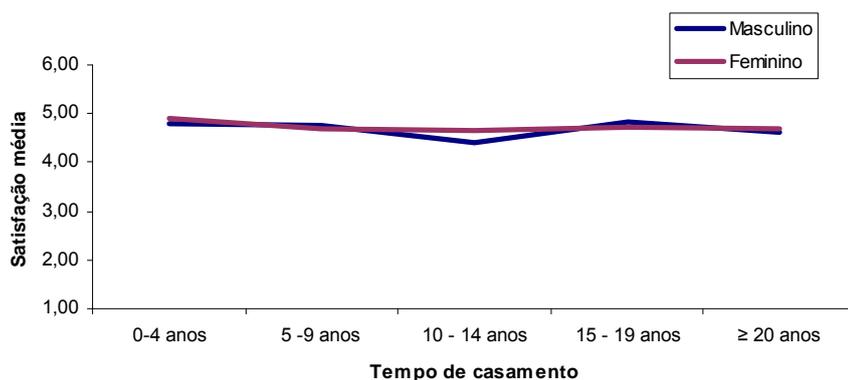


Figura 2 – Evolução da Satisfação Conjugal Intra-casal ao longo do tempo de casamento

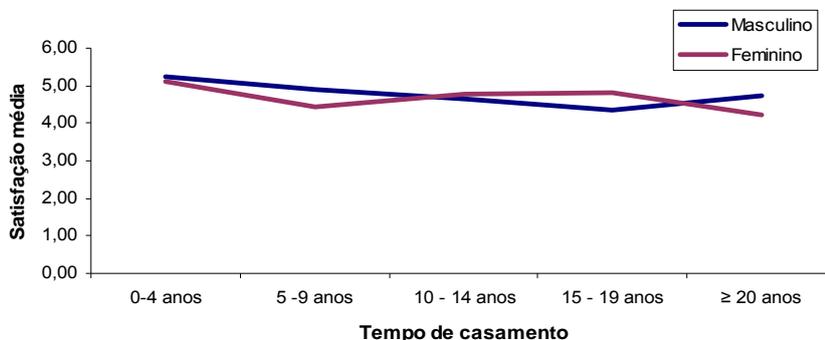


Figura 3 – Evolução da Satisfação Conjugal em indivíduos não casados entre, ao longo do tempo de casamento

As figuras seguintes, relativas à variável Proximidade Conjugal, permitem-nos observar uma tendência semelhante:

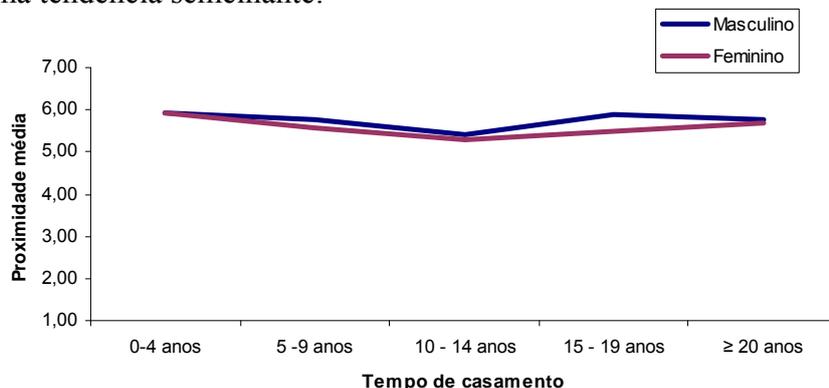


Figura 4 – Evolução da Proximidade Conjugal Intra-casal ao longo do tempo de casamento

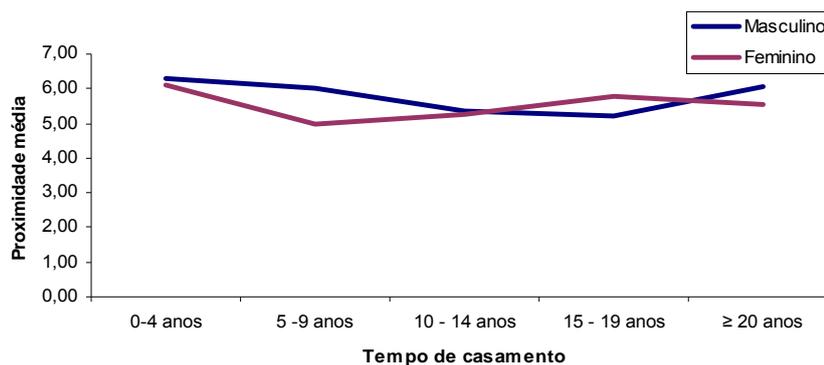


Figura 5 – Evolução da Proximidade Conjugal em indivíduos não casados entre, ao longo do tempo de casamento

A observação das figuras 2 e 3 relativas à Satisfação Conjugal, e 4 e 5 relativas à Proximidade Conjugal, permite-nos perceber que existe, uma tendência tanto para a semelhança, como para a convergência entre indivíduos na situação intra-casal, visto a variação entre homens e mulheres ser menor, do que no grupo dos indivíduos casados, em todos os períodos do tempo de casamento. A semelhança inicial pode estar associada à tendência que os indivíduos têm de procurar e manter relações românticas com pessoas que percepcionem como semelhantes a si (Skynner & Cleese, 1983).

Estes dados levam-nos a hipotetizar que, apesar de não se verificarem diferenças quantitativas significativas, as diferenças qualitativas existem, ao longo do tempo. Os indivíduos e a relação conjugal sofrem transformações, que não serão com certeza explicadas pela simples passagem do tempo, mas sim, pelas transformações a nível familiar, profissional e social que ele implica e, o facto dos membros do casal evoluírem de uma forma conjunta parece-nos ser um factor de protecção da relação. Uma vez que, como Narciso (2001) refere, a empatia e compreensão mútua são factores determinantes para a intimidade, pelo que, o facto de se partilhar experiências de vida e sentimentos semelhantes aos do cônjuge pode, a nosso ver, propiciar este tipo de comportamentos.

6. Conclusão

Neste estudo, os principais resultados obtidos, remetem-nos para a existência de uma relação entre as experiências que o indivíduo vive na sua família de origem e a conjugalidade, na vida adulta. Podemos, então, constatar que, o Clima Relacional tem influência na conjugalidade dos indivíduos, apesar de este efeito ocorrer de uma forma fraca, o que sugere a existência de variáveis com maior impacto na conjugalidade. Uma destas variáveis poderá ser a vinculação, que, como abordámos sucintamente no

enquadramento teórico realizado, tem início na infância e nas relações estabelecidas com a família de origem, mantendo-se depois e influenciando as relações criadas ao longo de todo o ciclo de vida (Mintz, 2004).

Ainda relativamente ao Clima Relacional na Família de Origem, na presente investigação, esta variável apenas foi considerada segundo um polo positivo e um polo negativo. Contudo, seria interessante, em futuras investigações, analisar o seu impacto na conjugalidade, através de variáveis de maior especificação, como por exemplo, a coesão, a qualidade comunicacional, a expressão afectiva e os conflitos e a sua resolução.

Seria também importante, estudar, futuramente, o impacto que esta variável tem na conjugalidade, não de um modo directo como foi realizado neste estudo, mas através de variáveis mediadoras, como serão, por exemplo, as características de personalidade.

Através deste estudo, podemos, então, compreender que o clima relacional vivido pelas crianças nas suas famílias de origem, pode ter repercussões a longo prazo. Parece-nos, assim, que será importante que os pais, os educadores e os profissionais de saúde estejam conscientes de tal facto, para que possam ser tomadas medidas preventivas, pois como os dados nos demonstram, um clima relacional negativo na família de origem, está associado a baixos níveis de satisfação e proximidade conjugais na vida adulta, factores esses que estão, muitas vezes, na base de processos de divórcio.

A forte relação encontrada entre a Satisfação e a Proximidade Conjugais, parece-nos ter também várias implicações clínicas. Podemos, através destes dados, compreender que a Proximidade Conjugal pode constituir um importante potenciador da Satisfação Conjugal, mas, também, que o aumento da satisfação em determinadas áreas da conjugalidade, pode conduzir a uma maior proximidade entre os membros do casal. Ao nível do trabalho clínico com casais, estes dados podem apontar possíveis soluções para algumas das queixas mais frequentemente apresentadas pelos casais.

No que diz respeito à relação entre as variáveis Satisfação e Proximidade Conjugais, poderia ser também importante, em futuras investigações, analisar a relação qualitativa, e não apenas quantitativa, entre as variáveis, como foi realizado neste estudo. Assim, poder-se-ia investigar, também, a influência que outras variáveis exteriores ao sub-sistema conjugal poderão ter, quer ao nível da Satisfação e Proximidade Conjugais, como da sua relação. Alguns exemplos destas variáveis poderão ser relativas às questões profissionais, parentais ou familiares e à influência que estas podem ter ao nível da conjugalidade.

As questões relacionadas com as diferenças entre homens e mulheres parecem-nos outro ponto a clarificar em futuras investigações. No presente estudo, não foram encontradas diferenças entre sexos relativamente a cada variável, no entanto, na relação entre as várias variáveis, foram encontradas algumas diferenças entre homens e mulheres. Por isso, e uma vez que este é um aspecto que não é consensual entre estudos, parece-nos útil que se continue a tentar compreender se existem diferenças significativas entre homens e mulheres, relativamente à forma como estes percebem o mundo, pensam e agem, ou se, pelo contrário, não existem diferenças.

Relativamente ao peso do tempo de casamento na conjugalidade e, mais especificamente, no que diz respeito aos fenómenos de convergência entre os membros do casal, afigura-se-nos como outro ponto a analisar futuramente. Isto porque, apesar de neste estudo, apenas terem sido encontradas algumas diferenças significativas entre os vários tempos de casamento, para as variáveis estudadas, verificou-se uma tendência de convergência intra-casal, que seria importante clarificar relativamente a outras variáveis, como, por exemplo, o modo de resolução de conflitos ou de expressão de afectos, ou ainda, características para as quais estejam descritas maiores diferenças entre homens e mulheres, algo que não acontece com a Satisfação e Proximidade Conjugais..

Relativamente a algumas limitações do nosso estudo, a questão dos participantes parece-nos um assunto que importa abordar. Como referimos no Procedimento Metodológico, para a recolha dos dados, utilizou-se uma amostragem por conveniência, do tipo “bola de neve”. Isto leva a que possamos ter obtido uma amostra motivada para as questões relacionadas com a conjugalidade, visto ter aceite participar e fornecer informação acerca da sua relação conjugal, o que pode não corresponder ao que acontece na generalidade da população portuguesa.

O elevado nível sócio-económico e grau de literacia da maioria dos participantes do estudo parece-nos outro factor que pode contribuir para a existência de alguma discrepância entre a amostra do estudo e a maioria da população portuguesa, o que pode dificultar a generalização dos dados obtidos.

Com este estudo, podemos, então, compreender que as influências da família de origem são algo que se mantém ao longo da vida dos indivíduos. Contudo, existe ainda um longo caminho a percorrer, no sentido da compreensão desta influência e das variáveis que nela intervêm ou que por ela são influenciadas. No caso específico do clima relacional na família de origem e da sua relação com a satisfação conjugal e com

a proximidade conjugal, verificámos que apesar desta relação não ser muito forte, existem implicações teóricas e clínicas úteis que poderão ser aplicadas futuramente.

7. Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(des)Equilíbrios familiares (3ª ed.)*. Coimbra : Quarteto.
- Aron, A.; Mashek, D. & Aron, E. (2003). Closeness as Including Other in The Self. In Makeesh, D. & Aron, A. (Eds), *Handbook of Closeness and Intimacy*. Mahwah, NJ: Lawrence Elbaum.
- Aron, A.; McLaughlin-Volpe, T.; Mashek, D.; Lewandowski, G.; Wright, S. C.; Aron, E. N. (2004). Including Others in The Self. *European Review of Social Psychology*. Vol. 0, 000-000.
- Aron, A. & Aron, E. N. (2008). Romantic Relationships from the Perspectives of Self-Expansion Model and Attachment Theory: Partially Overlapping Circles. In Mikulincer, M. & Goodmand, G. S. (Eds), *Dynamics of Romantic Love: Attachment, Caregiving and Sex*. New York: Guilford Press.
- Assad, K. K.; Donnellan, M. B. & Conger, R. D. (2007). Optimism: An Enduring Resource of Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 93 (2). 285- 297.
- Bateson, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Birnbaum, G. E.; Reis, H. T.; Mikulincer, M.; Gillath, O. & Orpaz, A. (2006). When Sex Is More Than Just Sex: Attachment Orientations, Sexual Experience na Relationship Quality. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 91 (5). 929-943.
- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações Afectivas e Saúde Mental – Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Combrinck – Graham, L. (1988). Adolescent Sexuality in the Family Life Spiral (107 – 131) In Falicov, C. J. (Ed.), *Family Transitions – Continuity and Change over the Life Cycle*. New York: The Guilford Press.
- Cordova, J. V.; Gee, C. B. & Warren, L. Z. (2005). Emotional Skillfulness in Marriage: Intimacy as a Mediator of the Relationship Between Emotional Skillfulness and Marital Satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*. Vol. 24 (2), 218 – 235.
- Crespo, C. A. P. (2007). *Rituais familiares e o casal: paisagens inter-sistémicas*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Gameiro, J. (2007). *Entre Marido e Mulher... Terapia de Casal*. Lisboa: Trilhos editora.
- Gonzaga, G. C; Campos, B. & Bradbury, T. (2007). Similarity, Convergence and Relationship Satisfaction in Dating and Married Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 93 (1). 34- 48.

- Gottman, J. M. & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Lisboa: Editora Pergaminho.
- L'Abate, L. & Bagarozzi, D. A. (1993). *Sourcebook of Marriage and Family Evaluation*. New York: Brunner/Mazel Publishers.
- Larson, J. H.; Peterson, D. J.; Heath, V. A. & Birch, P. (2000). The Relationship Between Perceived Dysfunctional Family-of-Origin Rules and Intimacy in Young Adult Dating Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26, 161-175.
- Lebart, L., Morineau, A., & Piron, M. (1995). *Statistique Exploratoire Multidimensionnelle*. Paris: Dunod Ed.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- McGoldrick, M. & Carter, E. (1982). The Family life cycle (167 – 195). In Walsh, F. (Ed), *Normal Family Processes*. New York: The Guilford Press.
- McGoldrick, M. (1989). The Joining of Families Through Marriage: The New Couple (209 – 233) In McGoldrick et al (Ed.), *The Changing Family Life Cycle – a Framework to Family Therapy (2ª ed)*. Boston: Allyn and Borcon.
- Mintz, A. S. (2004). Vinculação, Casal e Família (183 – 191) In Guedeney, N.; Guedeney, A. (Ed), *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Moos, R. H. (1990). Conceptual and Empirical Approaches to Developing Family-Based Assessment Procedures: Resolving the Case of the Family Environment Scale. *Family Process*, 29, 199 – 208.
- Morokoff, P. J. & Gilliland, R. (1993). Stress, Sexual Functioning and Marital Satisfaction. *Journal of Sex Research*. Vol. 30 (1). 43-53.
- Moura, S. (2003). *Intimidades Partilhadas: Um estudo sobre a qualidade das relações íntimas na idade adulta e as relações pais – filhos na infância/adolescência*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Narciso, I. (1994/95). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 129 – 139.
- Narciso, I. & Costa, M. E. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115 – 130.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas – À Procura do Padrão Que Liga*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. (2002). Janela com vista para a Intimidade. *Psychologica*. 31, 49- 62.
- Olson, D. H. (1988). Family Types, Family Stress, and Family Satisfaction: A Family Development Perspective (55 – 79). In Falicov, C. J. (Ed.), *Family Transitions – Continuity and Change over the Life Cycle*. New York: The Guilford Press.

- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família – Perspectiva sistémica*. (3ª Ed). Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. T. (2002). *Da Diversidade do Feminino e do Masculino à Singularidade do Casal*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Santtila, P.; Wager, I.; Witting, K.; Harlaar, N.; Jern, P.; Johansson, A.; Varjonen, M. & Sandnabba, N. K. (2008). Discrepancies Between Sexual Desire and Sexual Activity: Gender Differences and Associations with Relationship Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 34, 31- 44.
- Santos, R. A. (2005). *Conflito Interparental e Sensibilidade à Rejeição: Implicações na Vinculação Romântica*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Simões, M. M. R. (1994). *Investigação no âmbito da Aferição dos Testes da Matrizes Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra.
- Sousa, L.; Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família- Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar.
- Tenenbaum, S. (1998). *Viver bem a vida de casal*. Porto: Ambar.
- Wynne, L. C. (1988). An Epigenetic Model of Family Processes (81- 106). In Falicov, C. J. (Ed.), *Family Transitions – Continuity and Change over the Life Cycle*. New York: The Guilford Press.

Anexo I

Questionário Geral

Data _____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

Parte I- Dados Sócio-Demográficos

1. Sexo

- Masculino
 Feminino

2. Escolaridade

- 0 a 4 anos de escolaridade
 7-9 anos de escolaridade
 Frequência universitária
 5- 6 anos de escolaridade
 10-12 anos de escolaridade
 Ensino superior

3. Origem étnica/racial

4. Idade

5. Profissão ou Ano Escolar se for Estudante

6. Zona de Residência Habitual

- Norte
 Algarve
 Centro
 Alentejo
 Grande Lisboa
 Arquip. Madeira
 Arquip. Açores
 Outra _____

7. Estado Civil

- Casado(a) Desde _____
 Solteiro/a
 Divorciado(a) Desde _____
 Viúvo(a)

8. Habita com

9. Situação Relacional

- Casamento Quantos casamentos teve anteriormente? _____
 União de Facto (igual ou superior a 2anos) Desde _____
Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____

10. Filhos (biológicos/adoptivos/enteados)

- Sem filhos
 Gravidez actual
 Com filhos
Número de filhos biológicos _____ Idades _____
Número de filhos adoptivos _____ Idades _____
Número de enteados _____ Idades _____

11. Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

- Nunca teve
 Teve no passado
 Tem actualmente

12. Religiosidade

- Não Crente
 Crente Não Praticante
 Crente Praticante
Qual a religião? _____

FAMILY ENVIRONMENT SCALE – FES

Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986

(Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992)

Versão Retrospectiva: P. Pascoal & I. Narciso)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre a sua família. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as suas relações familiares com as pessoas com quem vivia no início da adolescência (entre os 10 e os 15 anos), tendo em conta as seis alternativas de resposta

Discordo totalmente ①	Discordo ②	Discordo moderadamente ③	Concordo Moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo totalmente ⑥
--------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------	--------------------------

1. Na minha família ajudávamo-nos uns aos outros. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Quase sempre na minha família não contávamos o que sentíamos uns aos outros. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. Na minha família nós zangávamo-nos muitas vezes. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Normalmente quando estávamos em casa parece que só estávamos a passar o tempo. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Em casa podíamos falar de tudo o que queríamos. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. As pessoas da minha família mostravam poucas vezes que estavam zangadas. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Gostávamos bastante de fazer coisas em família. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Quando descarregávamos os nossos problemas, havia sempre alguém que ficava preocupado. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. As pessoas da minha família às vezes ficavam tão nervosas que atiravam coisas pelo ar. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10. Sentíamos-nos muito unidos na minha família. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
11. Contávamos uns aos outros os nossos problemas pessoais. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12. Quase nunca as pessoas da minha família perdiam a cabeça. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13. Normalmente ninguém se oferecia para fazer alguma coisa que tivesse que ser feita em casa. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14. Se nos apetecesse fazer qualquer coisa em cima da hora, então fazíamos-lo. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15. As pessoas da minha família criticavam-se muitas vezes umas às outras. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16. Podíamos realmente contar uns com os outros na minha família. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17. Em minha casa havia sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixava. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18. As pessoas da minha família às vezes agrediam-se fisicamente. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19. Na minha família sentíamos-nos pouco unidos. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20. As questões de dinheiro e de pagamento de contas eram faladas abertamente em minha casa. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
21. Se existe alguma zanga na minha família tentávamos esconder o problema e manter a paz. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥

22. Nós dávamo-nos mesmo bem uns com os outros. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
23. Geralmente tínhamos cuidado com o que dizíamos uns aos outros. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24. Na minha família cada um queria ser melhor que o outro. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25. Tínhamos muito tempo e atenção uns para os outros. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26. Na minha família começávamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27. Na minha casa achávamos que não servia de nada estar a gritar. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente ①	Discordo ②	Discordo moderadamente ③	Concordo moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo totalmente ⑥
---------------------------------	----------------------	------------------------------------	------------------------------------	----------------------	---------------------------------

As pessoas com quem vivia no início da adolescência (entre os 10 e os 15 anos) eram:

EASAVIC

(Isabel Narciso & Maria Emilia Costa, 1996)

Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão:

- 1- Nada satisfeito (a); 2- Pouco Satisfeito(a); 3- Razoavelmente Satisfeito (a); 4- Satisfeito(a); 5- Muito satisfeito (a); 6- Completamente Satisfeito (a)

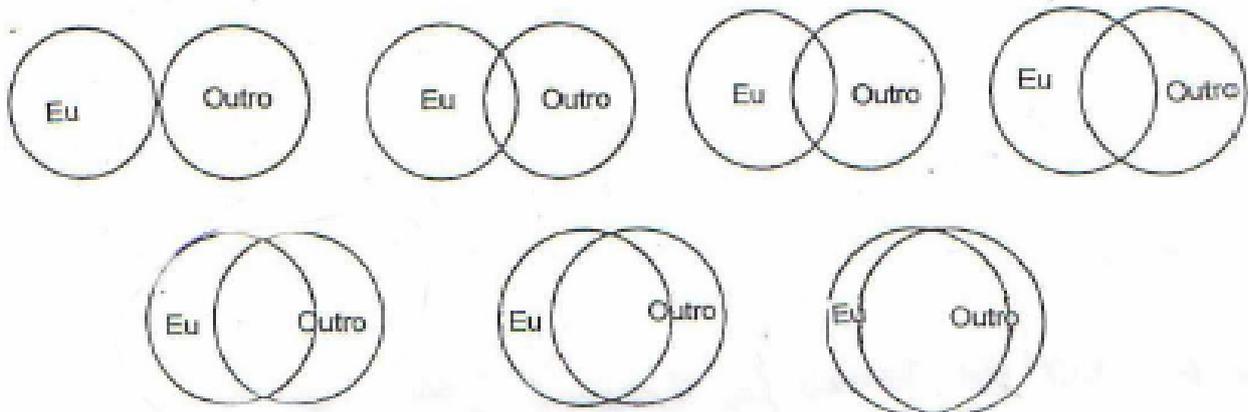
Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

Por exemplo, se em relação ao item 6, "Quantidade de tempos livres", você se sente completamente satisfeito (a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. O modo como gerimos a nossa situação financeira | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. A distribuição de tarefas domésticas..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. O modo como tomámos decisões..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. A distribuição de responsabilidades..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. O modo como passamos os tempos livres..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. A quantidade de tempos livres..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. O modo como nos relacionamos com os amigos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. O modo como nos relacionamos com a minha família..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. A minha privacidade e autonomia..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. A privacidade e autonomia do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. A nossa relação com a minha profissão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. A nossa relação com a profissão do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. A frequência com que conversamos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. O modo como conversamos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Os assuntos sobre os quais conversamos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. A frequência dos conflitos que temos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. O modo como resolvemos os conflitos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. O que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. O que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. A frequência com que temos relações sexuais..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. O prazer que sinto quando temos relações sexuais..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. A qualidade das nossas relações sexuais..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. O apoio emocional que dou ao meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 30. O apoio emocional que o meu cônjuge me dá..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 31. A confiança que tenho no meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 32. A confiança que o meu cônjuge tem em mim..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 33. A admiração que sinto pelo meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 34. A admiração que o meu cônjuge sente por mim..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 35. A partilha de interesses e actividades..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 36. A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 37. A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 38. Os nossos projectos para o futuro..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 39. As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 40. As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 41. O aspecto físico do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 42. A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 43. As características e hábitos do meu cônjuge..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 44. A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

I.O.S.

Encontram-se aqui apresentadas 7 imagens. Qual lhe parece ser a que melhor descreve a relação com o seu companheiro? Por favor, coloque um círculo à volta dessa imagem.



Escala de Inclusão do Outro no Self
Aron, Aron, & Smollan, 1992

Anexo II

Anexo II

O estudo da normalidade das respostas dos participantes, na totalidade da amostra e nas várias sub-amostras, aos questionários FES, EASAVIC e IOS, teve como objectivo a verificação das condições de utilização de testes paramétricos na análise estatística dos dados. Para este estudo recorreu-se ao teste de Kolmogorov – Smirnov, realizado através do programa estatístico SPSS.

Nos casos em que foi encontrada uma distribuição normal para as respostas dos participantes, foi ainda testada a homogeneidade de variâncias, através do Teste de Levene.

Iniciou-se o estudo, pela análise da normalidade das respostas da amostra global ao questionário FES, tendo-se obtido os seguintes resultados:

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Fes_Total	,075	571	,000	,976	571	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Através destes resultados e uma vez que o valor obtido é inferior ao nível de significância $\alpha = 0,05$, rejeitamos a hipótese nula do teste, ou seja, consideramos que as respostas da amostra global ao questionário FES, não seguem uma distribuição normal.

O mesmo procedimento foi realizado para a análise das respostas da amostra global ao questionário EASAVIC, tendo sido obtidos os seguintes resultados:

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVIC_Total	,054	628	,000	,966	628	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Também pelos mesmos motivos referidos acerca do questionário FES, ou seja, porque 0,000 é inferior a $\alpha = 0,05$, rejeitamos a hipótese nula do teste, ou seja,

consideramos que as respostas da amostra global ao questionário EASAVIC, não seguem uma distribuição normal.

As respostas da amostra global ao questionário IOS, foram igualmente analisadas segundo a sua distribuição, tendo sido obtidos os seguintes valores:

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
IOS	,216	584	,000	,861	584	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Mais uma vez, os resultados obtidos levam-nos a concluir que as respostas ao questionário IOS, não seguem uma distribuição normal, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

Na divisão dos participantes em sub-amostras, iniciámos a nossa análise pela variável sexo. Assim, fomos verificar a normalidade das respostas aos questionários anteriormente mencionados, no caso dos homens, e, no caso das mulheres.

Relativamente ao questionário FES, os resultados obtidos foram os seguintes:

Tests of Normality

		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Fes_Total	Masculino	,074	280	,001	,982	280	,001
	Feminino	,093	291	,000	,965	291	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Podemos, então, concluir que em nenhum dos grupos da variável sexo, as respostas seguem uma distribuição normal, uma vez que ambos os valores são inferiores ou iguais ao nível de significância $\alpha = 0,05$.

As normalidade das respostas destes dois grupos, ao questionário EASAVIC, é apresentada no quadro seguinte:

Tests of Normality							
1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVIC_Total	Masculino	,056	307	,020	,976	307	,000
	Feminino	,070	321	,001	,950	321	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Estes valores, relativamente a um nível de significância $\alpha = 0,05$, levam-nos a concluir que as respostas dos dois grupos não seguem uma distribuição normal, visto que ambos os valores são inferiores ao nível de significância, conduzindo, portanto, à rejeição da hipótese nula do teste.

A análise da normalidade das respostas destes mesmos dois grupos, ao questionário IOS, obteve os seguintes resultados:

Tests of Normality							
1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
IOS	Masculino	,218	282	,000	,848	282	,000
	Feminino	,213	302	,000	,868	302	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Mais uma vez, e pelo mesmos motivos apresentados relativamente aos questionários anteriores, somos levados a concluir que as respostas, quer dos homens, como das mulheres ao questionário IOS, não seguem uma distribuição normal, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

Outra das variáveis analisadas no nosso estudo, que originou a análise de sub-amostras diz respeito aos tempos de casamento. Como tal, a normalidade das respostas dos questionários FES, EASAVIC e IOS, foi também analisada para cada grupo dos tempos de casamento (0 – 4 anos, 5 – 9 anos, 10 – 14 anos, 15 – 19 anos e ≥ 20 anos de casamento).

Os resultados obtidos para as respostas ao questionários FES são apresentados no quadro seguinte:

Tests of Normality

7aa.Reclassificação tempo de casamento		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
FES_total	0-4	,071	112	,200*	,972	112	,018
	5-9	,094	90	,049	,965	90	,015
	10-14	,099	65	,185	,947	65	,008
	15-19	,114	98	,003	,966	98	,011
	igual ou mais de 20	,078	110	,094	,981	110	,127

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Neste caso, podemos verificar que, para um nível de significância $\alpha = 0,05$, apenas as respostas dos grupos dos 5 aos 9 anos e dos 15 aos 19 anos de casamento, não seguem uma distribuição normal. Todos os outros grupos apresentam um valor superior a 0,05, pelo que, devemos aceitar a hipótese nula do teste, ou seja, considerar que seguem uma distribuição normal.

As normalidade das respostas dos vários sub-amostras relativos aos tempos de casamento, ao questionário EASAVIC são apresentados no quadro seguinte:

Tests of Normality

7aa.Reclassificação tempo de casamento		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVIC_Total	0-4	,111	110	,002	,946	110	,000
	5-9	,107	91	,012	,962	91	,009
	10-14	,072	80	,200*	,947	80	,002
	15-19	,093	126	,010	,975	126	,021
	igual ou mais de 20	,061	126	,200*	,959	126	,001

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Com um nível de significância $\alpha = 0,05$, os resultados obtidos mostram que as respostas ao referido questionário, dos grupos dos 0 aos 4 anos, dos 5 aos 9 anos e dos 15 aos 19 anos, não seguem uma distribuição normal, pois apresentam valores inferiores

a 0,05. As respostas dos dois outros grupos, dos 10 aos 14 anos e dos ≥ 20 anos de casamento, seguem uma distribuição normal, pois apresentam valores superiores ao nível de significância considerado.

Relativamente às respostas das várias sub-amostras, ao questionário IOS, os valores de análise da normalidade encontrados são os seguintes:

Tests of Normality							
7aa.Reclassificação tempo de casamento		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
IOS	0-4	,253	112	,000	,822	112	,000
	5-9	,217	91	,000	,863	91	,000
	10-14	,196	69	,000	,887	69	,000
	15-19	,212	102	,000	,873	102	,000
	igual ou mais de 20	,258	112	,000	,804	112	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Para um nível de significância de $\alpha = 0,05$, podemos, então, verificar que as respostas de todas as sub-amostras a este questionários, não seguem uma distribuição normal.

Por último, foi ainda verificada a normalidade das respostas aos questionários utilizados na presente investigação, de acordo com as sub-amostras intra-casal e não casados entre si.

No caso do questionários FES, os resultados obtidos são os seguintes:

Tests of Normality							
Casal		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
FES_total	Intra Casal	,091	354	,000	,960	354	,000
	Não casados	,067	217	,018	,986	217	,036

a. Lilliefors Significance Correction

Podemos, desta forma, verificar que para ambas as sub-amostras, as respostas ao questionário FES, não seguem uma distribuição normal, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

Ao analisar a normalidade das respostas destas duas sub-amostras, ao questionário EASAVIC, obtivemos os seguintes resultados:

Tests of Normality							
Casal		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVIC_Total	Intra Casal	,066	411	,000	,964	411	,000
	Não casados	,062	217	,042	,963	217	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Deste modo, podemos concluir que as respostas dadas pelos participantes das duas sub-amostras, ao referido questionário, não seguem uma distribuição normal, para um nível de significância de $\alpha = 0,05$.

Foi ainda verificada a normalidade das respostas das duas sub-amostras, relativamente ao questionário IOS. Os resultados obtidos são apresentados no quadro seguinte:

Tests of Normality							
Casal		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
IOS	Intra Casal	,224	360	,000	,864	360	,000
	Não casados	,203	224	,000	,855	224	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Também neste caso, podemos observar que os resultados obtidos são inferiores ao nível de significância de $\alpha = 0,05$, pelo que rejeitamos a hipótese nula do teste e consideramos que as respostas dos indivíduos das duas sub-amostras em análise, não seguem uma distribuição normal.

Com base nestes dados, podemos considerar que na maioria dos casos, não se verificam as condições de aplicação de testes paramétricos (Maroco, 2007), pelo que, a escolha de testes não paramétricos para análise dos dados obtidos na presente investigação, nos parece a escolha correcta.

Anexo III

Anexo III

Como referimos no capítulo dos resultados, é apresentada, nesta secção, a totalidade dos valores obtidos, na aplicação dos vários testes estatísticos. Assim, apresentaremos apenas as tabelas com os valores, sendo que remetemos a sua interpretação para o capítulo dos resultados.

Questão 1

Os valores obtidos relativamente à Questão de investigação nº1, através da aplicação do teste não paramétrico de Mann-Whitney, para um nível de significância $\alpha = 0,01$, de são os seguintes:

Variável	Valor - p
Clima Relacional na Família de Origem (FES)	p = 0,109
Satisfação Conjugal (EASAVIC)	p = 0,764
Proximidade Conjugal (IOS)	p = 0,076

Questão 2

Os valores obtidos relativamente à Questão de investigação n.º 2, através da aplicação do teste não paramétrico de Mann-Whitney, para um nível de significância $\alpha = 0,01$, de são os seguintes:

Variável	Valor -p (situação Intra-casal)	Valor - p (Situação indivíduos não casados entre si)
Clima Relacional na Família de Origem (FES)	p = 0,093	p = 0,746
Satisfação Conjugal (EASAVIC)	p = 0,465	p = 0,620
Proximidade Conjugal (IOS)	p = 0,217	p = 0,193

Questão 3

Na resposta a esta questão utilizámos o teste de Kruskal – Wallis, seguido de comparações múltiplas *a posteriori*, tendo sido obtidos os seguintes resultados, para análise das diferenças relativas à Satisfação Conjugal:

Casal	Sexo	EASAVIC	
Intra Casal	Masculino	χ^2	6,399
		Desvio padrão	4
		Valor – p	0,171
	Feminino	χ^2	3,107
		Desvio padrão	4
		Valor – p	0,540
Não casados	Masculino	χ^2	14,144
		Desvio padrão	4
		Valor – p	0,007
	Feminino	χ^2	14,394
		Desvio padrão	4
		Valor – p	0,006

Casal	Sexo	Tempo de casamento (I)	Tempo de casamento (J)	Diferença de médias (I-J)	Valor - p
Não casados	Masculino	0-4	5-9	31,348039	0,113
			10-14	58,446970	0,010
			15-19	77,916667	0,000
			igual ou mais de 20	55,083333	0,006
		5-9	0-4	-31,348039	0,113
			10-14	27,098930	0,229
			15-19	46,568627	0,026
			igual ou mais de 20	23,735294	0,235
		10-14	0-4	-58,446970	0,010
			5-9	-27,098930	0,229

			15-19	19,469697	0,399
			igual ou mais de 20	-3,363636	0,881
		15-19	0-4	-77,916667	0,000
			5-9	-46,568627	0,026
			10-14	-19,469697	0,399
			igual ou mais de 20	-22,833333	0,268
			igual ou mais de 20	0-4	-55,083333
		5-9		-23,735294	0,235
		10-14		3,363636	0,881
		15-19		22,833333	0,268
	Feminino	0-4		5-9	65,043182
			10-14	33,881250	0,105
			15-19	21,475000	0,343
			igual ou mais de 20	69,425000	0,001
		5-9	0-4	-65,043182	0,001
			10-14	-31,161932	0,128
			15-19	-43,568182	0,052
			igual ou mais de 20	4,381818	0,832
		10-14	0-4	-33,881250	0,105
			5-9	31,161932	0,128
15-19	-12,406250		0,600		
igual ou mais de 20	35,543750		0,113		
15-19	0-4	-21,475000	0,343		
	5-9	43,568182	0,052		
	10-14	12,406250	0,600		
	igual ou mais de 20	47,950000	0,048		
igual ou mais de 20	0-4	-69,425000	0,001		
	5-9	-4,381818	0,832		
	10-14	-35,543750	0,113		
	15-19	-47,950000	0,048		

O mesmo procedimento foi seguido para a variável Proximidade Conjugal, tendo sido obtidos os seguintes resultados:

Casal	Sexo		IOS
Intra Casal	Masculino	χ^2	3,043
		Valor – p	0,551
	Feminino	χ^2	4,454
		Valor – p	0,348
Não casados	Masculino	χ^2	9,621
		Valor – p	0,047
	Feminino	χ^2	6,169
		Valor – p	0,187

Casal	Sexo	Tempo de casamento (I)	Tempo de casamento (J)	Diferenças das Médias (I-J)	Valor - p
Não casados	Masculino	0-4	5-9	6,614379	0,479
			10-14	20,146465	0,059
			15-19	25,455556	0,010
			igual ou mais de 20	1,673203	0,858
		5-9	0-4	-6,614379	0,479
			10-14	13,532086	0,207
			15-19	18,841176	0,057
			igual ou mais de 20	-4,941176	0,602
		10-14	0-4	-20,146465	0,059
			5-9	-13,532086	0,207
			15-19	5,309091	0,628
			igual ou mais de 20	-18,473262	0,087
		15-19	0-4	-25,455556	0,010
			5-9	-18,841176	0,057
			10-14	-5,309091	0,628
			igual ou mais de 20	-23,782353	0,017
		igual ou mais de 20	0-4	-1,673203	0,858
			5-9	4,941176	0,602

		10-14	18,473262	0,087
		15-19	23,782353	0,017

Questão 4

A utilização do teste de Correlação de Spearman, para a análise da correlação entre as variáveis Clima Relacional, Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal, levou à obtenção dos seguintes resultados, para um nível de significância de $\alpha = 0,01$:

Variáveis	Clima Relacional	Satisfação Conjugal	Proximidade Conjugal
Clima Relacional		$r_s = 0,251$ $p = 0,000$	$r_s = 0,144$ $p = 0,001$
Satisfação Conjugal	$r_s = 0,251$ $p = 0,000$		$r_s = 0,522$ $p = 0,000$
Proximidade Conjugal	$r_s = 0,144$ $p = 0,001$	$r_s = 0,522$ $p = 0,000$	

Questão 5

A utilização do teste de Correlação de Spearman, para a análise da correlação entre as variáveis Clima Relacional, Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal, para o caso do **sexo masculino**, levou à obtenção dos seguintes resultados, para um nível de significância de $\alpha = 0,01$:

Variáveis	Clima Relacional	Satisfação Conjugal	Proximidade Conjugal
Clima Relacional		$r_s = 0,250$ $p = 0,000$	$r_s = 0,109$ $p = 0,071$
Satisfação Conjugal	$r_s = 0,250$ $p = 0,000$		$r_s = 0,549$ $p = 0,000$
Proximidade Conjugal	$r_s = 0,109$ $p = 0,071$	$r_s = 0,549$ $p = 0,000$	

Relativamente ao **sexo feminino** e para o mesmo nível de significância, obtiveram-se os seguintes resultados:

Variáveis	Clima Relacional	Satisfação Conjugal	Proximidade Conjugal
Clima Relacional		$r_s = 0,255$ $p = 0,000$	$r_s = 0,179$ $p = 0,002$
Satisfação Conjugal	$r_s = 0,255$ $p = 0,000$		$r_s = 0,503$ $p = 0,000$
Proximidade Conjugal	$r_s = 0,179$ $p = 0,002$	$r_s = 0,503$ $p = 0,000$	

Questão 6

A utilização do teste de Correlação de Spearman, para a análise da correlação entre as variáveis Clima Relacional, Satisfação Conjugal e Proximidade Conjugal, ao longo dos tempos de casamento, levou à obtenção dos seguintes resultados:

Correlações entre variáveis	0-4 anos	5-9 anos	10-14 anos	15-19 anos	≥ 20 anos
Clima Relacional – Proximidade Conjugal	$r_s = 0,279$ $p = 0,003$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,150$ $p = 0,162$ $\alpha = 0,01$	$r_s = -0,049$ $p = 0,698$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,167$ $p = 0,101$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,085$ $p = 0,381$ $\alpha = 0,01$
Clima Relacional – Satisfação Conjugal	$r_s = 0,413$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,084$ $p = 0,432$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,227$ $p = 0,071$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,264$ $p = 0,009$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,220$ $p = 0,023$ $\alpha = 0,05$
Satisfação Conjugal – Proximidade Conjugal	$r_s = 0,450$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,667$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,472$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,549$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$	$r_s = 0,533$ $p = 0,000$ $\alpha = 0,01$